



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
PAMELA ARRUDA VASCONCELLOS

**VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO DE FEIRANTES NA CIDADE DE
CORUMBÁ-MS**

CORUMBÁ-MS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS

PAMELA ARRUDA VASCONCELLOS

**VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO DE FEIRANTES NA CIDADE DE
CORUMBÁ-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vanessa Catherina Neumann Figueiredo

CORUMBÁ-MS

2017

PAMELA ARRUDA VASCONCELLOS

VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO DE FEIRANTES NA CIDADE DE
CORUMBÁ-MS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Aprovado em ____/____/_____, com Conceito _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Vanessa Catherina Neumann Figueiredo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Dr^a. Rosângela Dutra de Moraes, Membro externo
Universidade Federal de Manaus

Prof. Dr. Milton Marianni, Membro interno
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Gostaria de dedicar esta
dissertação à todos os
trabalhadores das feiras-livres de
Corumbá-MS.

AGRADECIMENTOS

Na realização da presente dissertação, contei com o apoio de muitas pessoas, direta ou indiretamente, às quais estou profundamente grata.

- ❖ Agradeço primeiramente à minha mãe, por tudo que sou.
- ❖ À minha família pelo amor e apoio incondicional que sempre prestaram ao longo de toda a minha vida.
- ❖ Não caberiam aqui meus agradecimentos para minha orientadora, professora e amiga Vanessa Catherina, sendo peça fundamental em toda a minha vida acadêmica e minha maior referência profissional, além de estar sempre a postos com um cafézim, uma boa história e gargalhadas. Obrigada pelo incentivo, pela confiança e oportunidade de trabalhar ao seu lado mais uma vez.
- ❖ Ao meu querido Davi, que mesmo distante fisicamente não poupou esforços para auxiliar-me em todos os momentos.
- ❖ Aos grandes amigos da vida, pelo carinho, discussões, aconchego e ensinamentos diários: Jéssica, Marco, Jeanne e Maria Rita.
- ❖ Aos meus colegas de turma, pelos momentos de aprendizagem compartilhados, especialmente à Leysianne, sempre gentil e altruísta, que se tornou uma amiga e contribuiu para tornar mais leve essa trajetória. Obrigada por dividir comigo angústias, alegrias e também por se dispor a ouvir minhas bobagens.
- ❖ À professora Rosângela Dutra de Moraes, ao professor Milton Augusto Pasquotto Mariani e ao professor Marco Aurélio Machado de Oliveira, pela disponibilidade em participar das bancas de qualificação e defesa, além das significativas contribuições trazidas por cada um. Uma grande honra poder contar com vocês para auxiliar-me nos ajustes deste trabalho científico.
- ❖ Aos demais professores do programa em Estudos Fronteiriços, pelos ensinamentos acerca da temática fronteira.

RESUMO

Esta pesquisa se dedicou a analisar as vivências de prazer e sofrimento psíquico de feirantes, investigando de que forma a organização do trabalho, as condições laborais e as estratégias de defesa funcionam em um ambiente permeado pela informalidade, tendo como um atravessamento a questão fronteiriça. O estudo foi realizado em uma feira-livre da cidade de Corumbá-MS e as discussões foram realizadas a partir do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho. Para avaliação qualitativa realizou-se uma entrevista individual e os dados foram analisados através da técnica de Análise de Núcleo de Sentido. Para uma avaliação quantitativa, aplicou-se a Escala de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST). Através da escala, evidenciou-se médias positivas para os itens “Liberdade para usar minha criatividade” (M=5,71) e para “Cooperação entre os colegas” com (M=5). Os resultados apontam para sentimento de orgulho pela profissão desempenhada, seguido do sentimento de satisfação, mas apresentando médias altas para o estresse (M=2,16).

Juntamente com a análise das entrevistas, os resultados de apontam que as vivências prazerosas dos feirantes são resultado principalmente da dinâmica de reconhecimento do trabalho que realizam, principalmente por pelos usuários. Já as vivências de sofrimento no trabalho, advém em grande parte pelas péssimas condições de trabalho a que estão submetidos e também pelas relações de poder sociolaborais mantidas nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Feira-livre; Trabalho informal; Psicodinâmica do trabalho.

ABSTRACT

This research was dedicated to analyze the experiences of pleasure and psychic suffering of workers, investigating how work organization, working conditions and defense strategies work in an environment permeated by informality, having a border as a crossing. The study was carried out in a of the city of Corumbá-MS and the discussions were developed out from the theoretical reference of the Psychodynamics of Work. For a qualitative analysis, an individual interview was conducted and the disse were analyzed through the technique of Core Analysis of Sense. For a quantitative evaluation, the Occupational Pleasure and Suffering Scale (EIPST) was applied. Through the scale, positive averages were shown for the items "Freedom to use my creativity" ($M = 5.71$) and for "Co-operation among colleagues" with ($M = 5$). The results point to a feeling of pride in the profession performed, followed by the feeling of satisfaction, but presenting high averages for stress ($M = 2.16$). Together with the analysis of the interviews, the results point out that the pleasant experiences of the marketers are mainly due to the dynamics of recognition of the work they do, mainly by the users. Already the experiences of suffering in the work, comes in great part by the terrible conditions of work to which they are submitted and also by the social power relations maintained in this context.

KEYWORDS: Fair-free; Informal work; Psychodynamics of work.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – DADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO.....	43
TABELA 2 - MÉDIAS DAS VIVÊNCIAS POSITIVAS NO FATOR LIBERDADE.....	45
TABELA 3 – MÉDIAS DAS VIVÊNCIAS POSITIVAS NO FATOR REALIZAÇÃO PROFISSIONAL.....	45
TABELA 4 – MÉDIAS DAS VIVÊNCIAS NEGATIVAS NO FATOR ESGOTAMENTO PROFISSIONAL.....	46
TABELA 5 - MÉDIAS DAS VIVÊNCIAS NO FATOR RECONHECIMENTO.....	46
TABELA 6 – MÉDIA, DESVIO PADRÃO E VARIÂNCIA.....	47

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –LOCALIZAÇÃO DA FEIRA LIVRE DE DOMINGO.....	33
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

CEPAL – Comissão Econômica Para a América Latina

DORT – Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho

EIPST – Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho

IBGE – Instituto de Geografia e Estatística

LER – Lesões por Esforços Repetitivos

LILACS – Latin American And Caribbean Health Science Literature

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PDT – Psicodinâmica do Trabalho

PREALC – Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

SEÇÃO I - INTRODUÇÃO	12
SEÇÃO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Trabalho e Informalidade.....	15
2.2 Psicodinâmica do Trabalho.....	23
2.2.1 Breve histórico da Psicodinâmica do Trabalho.....	25
2.3 Contextualizações do local estudado.....	33
SEÇÃO III - MÉTODO E PERCURSO DA PESQUISA	37
3.1 Tipo de abordagem e método de pesquisa.....	38
3.2 Procedimentos de Coleta de dados.....	38
3.3 Instrumentos	39
3.4 Procedimentos de Análise.....	41
SEÇÃO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 Organização do Trabalho.....	47
4.2 Condições de Trabalho.....	56
4.3 Relações Sociolaborais.....	63
4.4 Estratégias individuais de defesa.....	66
4.5 Mobilização Subjetiva	68
SEÇÃO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA (COMITÊ DE ÉTICA)	
APÊNDICE A – -QUESTIONÁRIO SOCIO DEMOGRÁFICO OCUPACIONAL...	
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	

I - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu do desejo de aprofundamento acerca das questões que permeiam o labor do feirante que vive e trabalha na cidade de Corumbá – MS. De acordo com a definição da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o trabalho do feirante é compreendido como um comércio de cunho varejista individual ou em equipe, no qual os trabalhadores vendem mercadorias nas vias públicas, em pontos fixos, sob permissão governamental; compram e preparam mercadorias para venda; organizam o local de trabalho, dispondo as mercadorias em feiras livres, bancas, quiosques e barracas, para atender os compradores que procuram esse tipo de mercado, comunicando-se para anunciar a qualidade e o preço do produto (CBO, 2016).

Buscando trazer elementos para uma reflexão acerca do contexto de trabalho e a vivência de feirantes, parte-se da premissa de que o trabalho enquanto categoria capaz de estruturar a vida e sendo atividade promotora de integração e de construção de identidade em sociedade tem passado por transformações em diferentes níveis, e essa nova configuração das relações laborais tem refletido diretamente sobre a saúde mental do indivíduo.

As remodelações das relações de trabalho atingem diretamente o trabalhador na contemporaneidade, sendo uma ameaça constante à manutenção da sua saúde física e mental, já que a configuração do mundo do trabalho no século XXI é marcada pela necessidade do indivíduo se manter trabalhando, independentemente do tipo de emprego e posto ocupado, e de submeter-se a quaisquer condições para garantir sua sobrevivência.

Sendo assim, este estudo objetivou estudar as vivências de prazer e sofrimento de feirantes, considerando a organização laboral a que os feirantes estão expostos, suas condições de trabalho e as relações socioprofissionais estabelecidas em um local permeado pela questão da informalidade, ou seja, a feira-livre, tendo como um atravessamento importante sua localização: a fronteira.

Adotou-se para tanto a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) como abordagem norteadora, uma vez que realiza uma análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pela situação do trabalho, buscando

estudar as relações dinâmicas entre o trabalho e a saúde nos contextos de produção, na relação existente entre organização do trabalho e processos de subjetivação decorrentes das vivências de prazer-sofrimento. (LANCMAN; UCHIDA, 2011)

O trabalho é compreendido enquanto relação social que se desenvolve permeado por desigualdade, poder e dominação. Segundo Dejours (2004, p.31) “trabalhar é engajar sua subjetividade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, perpassado pela luta para a dominação”. Configura-se ainda, como uma das fontes de saúde psíquica influenciando a construção (ou a reconstrução) da identidade do sujeito e como expressão da subjetividade individual garantindo a manutenção da saúde e o não adoecimento, o que implicaria no desencadear de vivências de prazer. (FERREIRA; MENDES, 2001, 2003).

Sendo assim, a Psicodinâmica do Trabalho nos oferece uma compreensão acerca dos elementos subjetivos relacionados à identidade do sujeito, levando em consideração diferentes conceitos como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência (LANCMAN, 2008, p. 31), no entanto, para atingir os objetivos da pesquisa dada a complexidade dos processos que nos propusemos investigar, a saber - as vivências de prazer/sofrimento, permeadas pelas relações de informalidade em uma região de fronteira - buscou-se dialogar com outros campos do conhecimento como a sociologia, geografia, economia, abordagens essas que possuem diferentes maneiras de compreender o indivíduo, a sociedade e as relações de trabalho. (LANCMAN; BARROS, 2012)

A presente dissertação foi dividida portanto, em cinco seções que buscam discutir os principais aspectos que o estudo engloba. Na primeira seção foram trazidas algumas considerações referentes às mudanças no mundo laboral, à precarização do trabalho e às conseqüentes relações de informalidade.

Posteriormente, foram apresentados o histórico da teoria Psicodinâmica do Trabalho, algumas contribuições, bem como definições de conceitos utilizados nas análises e na discussão.

A terceira seção foi destinada à exposição dos aspectos referentes ao espaço da feira-livre, onde a pesquisa foi realizada, abrangendo as diferentes

relações sociais e culturais, levando ainda em consideração sua localização na região de fronteira com a Bolívia, onde estão presentes dinâmicas com tamanha magnitude que precisam ser discutidas a partir de diferentes óticas.

Todo o método de pesquisa, e o percurso realizado, como local, sujeitos, os instrumentos utilizados, estão expostos na seção quatro.

Buscou-se apresentar os resultados das entrevistas e das escalas, bem como as discussões sobre eles de forma a articular os dados obtidos com a teoria, portanto resultado e discussão são apresentados na quinta seção. Posteriormente foi realizada algumas considerações finais acerca do estudo, construída de forma a realizar um apanhado geral e sugerindo ações interventivas, principalmente por se tratar de um mestrado profissional.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TRABALHO E INFORMALIDADE

As transformações de ordem política, econômica e social vivenciadas no mundo do trabalho influenciaram diretamente a relação homem-trabalho, contribuindo para alterar o significado do trabalho, principalmente durante o século XX, onde as articulações do capitalismo mundial instalaram uma desordem na economia que desestruturaram o mundo do trabalho, com o incremento da precarização das relações e condições de trabalho e o aumento do desemprego.

Como resposta à crise do padrão de acumulação e produção capitalista, pautados na díade taylorismo-fordismo, desenvolve-se o processo de reestruturação produtiva, adotando-se um modo de produção flexibilizada, pautada principalmente pelo “modelo japonês”, sistemas de *just-in-time* e *kanban* do programa de qualidade total, introdução de políticas de modo a aprofundar a participação dos trabalhadores nas empresas e da implantação da automação industrial (ANTUNES, 2010)

Com o surgimento desses modos de produção voltados para a obtenção maior do lucro e pela diminuição das despesas o mercado de trabalho e o trabalhador precisaram se adaptar às exigências das relações de poder vigentes no novo sistema de acumulação. (STUKER, 2012). Logo, a partir da implementação dessas novas formas de produção, é possível apreender algumas consequências negativas para a vida do trabalhador.

A nova exigência do processo de trabalho flexível teve como principal efeito a precarização do trabalho, uma vez que acarretou na flexibilidade das leis trabalhistas, reduzindo os postos de trabalho e constituindo um retrocesso em relação aos direitos trabalhistas, como por exemplo, o aumento da jornada de trabalho, processo de terceirização da mão de obra, baixos salários e aumento no ritmo de produção. De acordo com Antunes (2015):

Do ponto de vista de seu impacto nas relações de trabalho, a flexibilização se expressa na diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e espaço da vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho e em sua expressão negada, o desemprego estrutural. (ANTUNES, 2015, p.413).

O desenvolvimento tecnológico e as conseqüentes reformulações das relações de trabalho passam a exigir um trabalhador flexível, o que contribui para que cada vez mais as pessoas assumam postos de trabalho não regulamentados. É através da informalidade que grande parte da população economicamente ativa se insere no mundo do trabalho, o qual não oferece vínculo empregatício ou registro em carteira de trabalho, impossibilitando o acesso a benefícios trabalhistas como, a licença maternidade, auxílio desemprego e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, e auxílio governamental em situação desemprego.

O trabalho, especialmente o trabalho assalariado, constituiu-se historicamente como via de acesso a direitos, definindo assim um lugar na sociedade para o indivíduo e permitindo acesso à cidadania e também à um reconhecimento social. Nesse debate, o modelo de sociedade característico do século XX e construído em torno do trabalho ganha notoriedade.

Esse período é fortemente marcado pela desestruturação da condição salarial, o conseqüente desemprego em massa, a instabilidade das situações de trabalho, precarização do trabalho e a ausência de proteção social. O reflexo disso, foi o surgimento de novas categorias de pessoas: “os supranumerários, os inempregáveis, os desfiliaados, desvalidados, dissociados, desqualificados, os supérfluos, os inúteis para o mundo”. A insegurança presente no mundo laboral é decorrente da nova questão social, resultado da fragilização da relação salarial que reduz as zonas de integração da sociedade salarial, ampliando as zonas de instabilidade e as zonas de exclusão social e de desestabilização dos trabalhadores estáveis (CASTEL, 1998).

Existe então, a disseminação de formas precárias de contratação, ou seja, formas atípicas de emprego, com contrato de trabalho por tempo determinado, por tempo parcial, subcontratado, contratos de trabalho subsidiados e contrato de trabalho por tempo indeterminado. Essa desregulamentação do mercado de trabalho, por sua vez, culminou na expansão da economia informal, sendo a reestruturação produtiva responsável pela queda no número de empregos formais no setor industrial e aumento de trabalhadores

informais em situação de desigualdade com os trabalhadores em situações de vínculo formal.

De acordo com Pochmann (2007) o constante ajuste fiscal e a liberalização comercial, produtiva e financeira influenciam o mercado informal, desenvolvendo o aumento das taxas de desemprego na década de 1990, contribuindo para que houvesse um cenário de instabilidade constante para o trabalhador, acarretando na precarização do trabalho, ou seja, na redução do vínculo ou ausência de proteção trabalhista

Dessa forma, o desemprego estrutural torna-se realidade para atender aos interesses do capital, já que é necessário para a economia haver um percentual de desempregados, embora funcione como uma ameaça ao capitalismo. Portanto, a configuração flexível culminou na diminuição da quantidade de empregos fixos e no aumento alarmante de outras modalidades de trabalho, como o trabalho autônomo, o subcontratado, o trabalho por projeto, por prazo determinado, por tempo parcial (MENDES; CAMPOS, 2004), conduzindo os indivíduos, com escolaridade ou não, ao mercado informal.

O período de retorno ao livre mercado e ao capital sem regulamentação, acarretou na ampliação do desemprego, na hipertrofia da informalidade e na precarização do trabalho, além de uma situação de insegurança dos trabalhadores que possuíam apenas sua força de trabalho como moeda de troca. Sendo assim, os trabalhadores acabam tendo um impacto significativo em suas vidas em decorrência dessas constantes mudanças no mundo do trabalho, que os obriga a conviver com uma lógica de mercado profundamente mutante. Essa situação de instabilidade e de ameaça é vivenciada como um mal inevitável dos tempos modernos. (HELOANI; LANCMAN, 2004).

Discorrer sobre o processo de expansão da informalidade é, sobretudo, abordar questões de cunho político, histórico e social, relacionadas principalmente à redefinição do trabalho no mundo globalizado e como categoria central para o desenvolvimento da identidade e reconhecimento do cidadão no mundo. Vivenciou-se a globalização da lógica financeira, reestruturação produtiva no setor industrial e de serviços, transformações nas formas de gestão, trazendo outra maneira de pensar o lugar do sujeito no mundo do trabalho, com um novo entendimento do espaço-tempo, caracterizado pela rapidez,

“efemeridade e descartabilidade sem limites de tudo o que se produz e, principalmente, dos que produzem: os homens e mulheres que vivem do trabalho.” (THÉBAUD-MONY; DRUCK, 2007, p. 26).

Acerca da informalidade nos países subdesenvolvidos, Costa (2010) afirma que tal processo irá se iniciar a partir do modelo de desenvolvimento centrado numa industrialização capital-intensiva a qual não absorve força de trabalho articulado com o padrão de crescimento demográfico. De acordo com a autora, a rápida urbanização nos anos 1960 e 1970 e a grande migração de trabalhadores não absorvidos pelo trabalho regulamentado e formal, os direciona a recorrerem ao setor informal. Dessa forma, a informalidade ocupa o lugar das atividades tradicionais, mas não gera empregos na mesma proporção (e qualidade) daqueles eliminados.

De acordo com Thébaud-Mony e Druck (2007), a precarização do emprego e a situação do desemprego constituem elementos estratégicos nos processos de reestruturação produtiva, em que a flexibilização e precarização ocupam centralidade nas políticas neoliberais de dominação social. Dessa maneira, a informalidade reflete as novas relações de trabalho em um mundo globalizado, com condições de trabalho precárias, com a constante ameaça de perda do emprego, aumento progressivo de excluídos do mercado formal e da disseminação de ocupações de baixa produtividade, sem qualquer proteção social, modalidades atípicas, ocasionais e inseguras, conceitualmente denominadas atividades informais (MORRONE, 2001).

Nessa conjuntura, as atividades informais surgem como uma alternativa de trabalho para os que não conseguem se estabelecer no mercado formal, o qual passou a ser mais exigente quanto à qualificação da mão de obra e passa a adotar procedimentos mais burocráticos e cada vez mais criteriosos no momento da contratação, sendo cada vez mais difícil a inserção e manutenção do trabalhador nos empregos formais.

Os primeiros estudos e a difusão das ideias iniciais acerca do setor informal, são relatados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) na formulação do relatório sobre condições de trabalho em Gana e no Quênia em 1972, o qual descreve a atuação de trabalhadores em atividades que não eram reconhecidas ou regulamentadas até então, constituindo o termo Setor Informal,

que ganhou novas roupagens e formulações. O relatório apontava uma distinção entre o setor tradicional e o setor moderno, sendo que o tradicional se caracterizaria primordialmente pelo trabalho informal, possuindo uma maneira arcaica de produção, reunindo desempregados e subempregados, e o setor moderno contemplaria o setor formal, com produções eficientes e intensivas de capital. Segundo Cacciamali (1984) essa abordagem considera a atividade informal como aquela que apresenta além de um reduzido nível de capital, técnicas pouco complexas e intensivas de trabalho, bem como um reduzido número de trabalhadores e suas atividades não são contempladas pelas políticas governamentais.

Um dos primeiros conceitos formulados acerca do trabalho informal no Brasil, de acordo com Alves e Tavares (2006) foi pautado pelas discussões sobre o conceito de marginalidade, o qual previa a existência de uma massa marginal de mão de obra que o sistema capitalista não havia incorporado ao mercado de trabalho formal, sendo direcionada para atividades informais. Assim, a marginalidade assume o lugar do exército industrial de reserva, sendo portanto, o trabalho informal compreendido como uma consequência da economia subdesenvolvida que tenderia ser extinta com o desenvolvimento da economia nacional. Essa abordagem considera o trabalho atípico como aquele não subordinado à ordem hegemônica do capital (ALVES; TAVARES, 2006).

No entanto, dada a necessidade de um entendimento que respaldasse o desenvolvimento na região latino-americana e a continuidade da existência do trabalho informal, surge a corrente estruturalista. Baseada na Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e nos estudos realizados pelo Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe (PREALC) ainda na década de 1970, caracterizou o setor informal de forma ampliada, embora tenha sido mantida a ramificação moderno-tradicional. A crítica existente em relação a essa corrente está relacionada ao fato de que já havia um excedente da força de trabalho até mesmo antes da Abolição da Escravatura, conforme afirma Theodoro (2003), ultrapassando largamente as necessidades do sistema produtivo.

O PREALC descreveu o setor informal como sendo composto por pequenas atividades urbanas, de baixo nível de produtividade, além de englobar

trabalhadores independentes e empresas muito pequenas ou não organizadas geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo e oficial, ou seja, atividades que não possuíam respaldo jurídico ou não estavam de acordo com os parâmetros da relação capital-trabalho. Essas atividades ofereceram a possibilidade do indivíduo se manter ou se ocupar, mas, acima de tudo, permitiram a essa parcela da população, que não se enquadrava nos moldes preestabelecidos da formalidade, acesso a produtos e serviços oferecidos pelo próprio mercado formal via renda obtida nessas atividades.

Cacciamali irá repensar o trabalho informal como fruto de um longo processo decorrente da reorganização do trabalho assalariado, sugerindo o conceito de processo da informalidade como uma categoria de análise para examinar as mudanças nas relações de produção e nas formas de inserção no mercado de trabalho considerando os novos rumos do capitalismo contemporâneo.

Importante considerar, que as atividades informais por muito tempo foram consideradas uma característica dos países da América Latina, já que mais da metade dos empregos existentes nos países latino americanos era de cunho informal (GUIMARÃES; SOUZA, 1984; VIDAL, 2011). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) avalia que entre 1986 e 1996, para cada cem novas ocupações criadas na América Latina, 80 eram informais. Ainda que o desenvolvimento do trabalho informal seja uma característica histórica dessa região, o estabelecimento da informalidade em cada país ocorreu de maneira distinta e particular, bem como as formas de resistência e submissão ao trabalho atípico (PUJOL, 2015).

As transformações no mundo do trabalho, adquiriram uma característica bastante peculiar em nossa região, em decorrência da gestão gerencialista, idealizada pelo modo de organização toyotista e realizado em condições de produção caracterizadas por baixo desempenho tecnológico e mão de obra pouco qualificada, além de baixos salários, pouca segurança de vínculos contratuais e condições ambientais insalubres (PUJOL, 2015).

No Brasil, no início da crise e no primeiro trimestre de 2009, quando centenas de milhares de trabalhadores com registro em carteira foram desempregadas em diversos ramos de atividade, como a indústria

automobilística, que empregavam um alto número de trabalhadores regulares vivenciamos a elevação significativa do desemprego. Dados estatísticos apurados em 2014 apontam que 27% da população economicamente ativa encontram inseridas em atividades informais (IBGE, 2014).

Com base na Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua), divulgada em 2016 pelo IBGE, a taxa de desocupação no trimestre encerrado em julho (de 2014 a 2016) deste ano foi bastante significativa, obtendo alta de 0,4 ponto percentual do trimestre anterior (fevereiro a abril), bem como a taxa de desemprego, que alcançou 11,6% no trimestre terminado em julho deste ano. Realizando uma análise comparativa com o mesmo trimestre de 2015, pode-se verificar um considerável aumento de 3,0 pontos, já que apresentava 8,6% percentuais, indicando um aumento de 3,2 milhões de pessoas desempregadas em apenas um ano e chegando a um total de 11,8 milhões da população sem emprego.

Desde seu início, no primeiro trimestre de 2012, a Pnad não apresentava um resultado tão alarmante. Se no ano de 2015 146 mil pessoas encontravam-se em situação de desemprego, no ano seguinte estima-se que aproximadamente 1,7 milhão de pessoas tenham sido demitidas, sendo elas com idade entre 14 anos ou mais, apresentando um aumento de 6,5% no último trimestre de 2014 para 10,9% no primeiro trimestre de 2016. (IBGE, 2016). Constata-se uma ampliação significativa do trabalho flexível, do trabalho precarizado e do desemprego não apenas no Brasil, mas enquanto fenômeno global, inclusive em países desenvolvidos, como é caso da França e do Japão. (HIRATA, 2016; KASE; SUGITA, 2006; ARAÚJO GUIMARÃES, 2009)

Aproximadamente um terço dos trabalhadores no mundo (cerca de mais de um bilhão de pessoas) enfrentam a situação de desemprego ou exercem trabalho informal, instável, temporário, terceirizado. Tanto um, quanto outro, estão relacionados com o mundo do trabalho precarizado, gerador de insegurança quanto à garantia do emprego que se tornou constante pela possibilidade de demissão, juntamente com outros determinantes. Dessa forma, o sofrimento é comum tanto ao desempregado por não possuir perspectiva de conseguir um trabalho, quanto ao indivíduo empregado pelo receio da demissão (RIBEIRO; LÊDA, 2004; ANTUNES, 2007).

Entendemos que seja importante considerar, que a precarização é um processo multidimensional, uma vez que altera a vida do indivíduo dentro e fora do trabalho, ainda que o trabalhador esteja inserido em um contexto que lhes ofereça vínculos de trabalho estáveis, pois inevitavelmente irá vivenciar uma “precariedade subjetiva”, já que a insegurança e a competição são fatores bastante presentes. (FRANCO, DRUCK, SELIGMANN –SILVA, 2010; LINHART, 2009)

Nesse sentido, estudos recentes têm sido desenvolvidos preconizando discutir a relação existente entre adoecimento, desgaste, sofrimento mental no âmbito laboral, medidas de prevenção propostas, bem como as políticas públicas no campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho (SMRT).

Nas investigações acerca dos aspectos da saúde mental associados ao trabalho é possível identificarmos correntes com diferentes propostas de fundamentação. Prevalecem estudos pautados na teoria do estresse, outros baseados no materialismo histórico e dialético e abordagens tendo o referencial psicanalítico como fio condutor (SELIGMANN-SILVA, 2010; 2007; 1994).

Na presente pesquisa, para atender aos objetivos propostos, optamos por realizar uma discussão considerando os aspectos subjetivos dos trabalhadores através da compreensão da Psicodinâmica do Trabalho, bem como, considerando as particularidades que envolvem as relações de trabalho informal na atualidade.

Sendo a informalidade a forma de inserção mais rápida para aqueles que vivenciam a situação do desemprego e considerando que as atividades informais do setor terciário da economia em geral tornam-se pequenos negócios e comércio nas ruas, uma série de categoriais profissionais acabam se enquadrando nesse contexto, dentre elas a do feirante, categoria a qual nos propusemos estudar.

No campo da saúde do trabalhador, alguns aspectos referentes a essa ocupação vêm sendo investigados, em decorrência de suas condições de saúde/trabalho, vínculos atípicos/informais a que estão submetidos, bem como por questões referentes às suas atribuições e as suas consequências para a saúde geral. As atividades desenvolvidas nas feiras-livres, apresentam características que podem vir a desencadear consequências maléficas para a

saúde do feirante, tanto de ordem física quanto de ordem psicológica, como baixos níveis de poder de decisão, ausência de respaldo jurídico trabalhista, instabilidade, condições de trabalho inadequadas e precárias.

Portanto, é salutar a realização de investigações acerca da associação da informalidade das relações de trabalho com o sofrimento psíquico, principalmente diante da ameaça que a população brasileira tem vivenciado, mediante projeto de lei n.4.330 que prevê a flexibilização das leis trabalhistas e plena terceirização de mão-de-obra, aumentando significativamente a informalidade e o desemprego. (ANTUNES; PRAUN, 2015).

2.2 A PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Serão expostos, neste item, alguns fatores históricos e conceitos da Psicodinâmica do Trabalho (PDT) que norteiam esta pesquisa. Posteriormente, serão apresentados os conceitos centrais definidos para análise dos resultados.

Para uma melhor compreensão sobre tal abordagem, cabe salientar que a PDT calcada pela sociologia compreensiva, pela psicanálise e pela ergonomia, compreende que o ato de trabalhar significa mais do que meramente produzir, significa sobremaneira transformar o meio e a si mesmo, uma atividade que exige o engajamento da subjetividade do sujeito. (DEJOURS, 2008)

Atribuindo o trabalho enquanto elemento central na construção da identidade, das formas de sociabilidade, da autoestima e do sofrimento psíquicos, os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho estão centrados na análise da influência do trabalho sobre a saúde mental dos indivíduos, considerando que o sofrimento deriva do ato de trabalhar. Dessa forma, apreende-se o trabalho enquanto espaço de construção do sentido e de conquista da identidade do sujeito. (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2007).

Considera-se o coletivo de trabalho buscando atos terapêuticos que não preconizem o sujeito individualmente, mas intervenções que estejam empenhadas em realizar análises acerca da organização do trabalho, bem como das estratégias construídas coletivamente frente o trabalho real que buscam subverter o sofrimento, dando espaço para as vivências de prazer, a partir do momento em que os trabalhadores possuem a possibilidade de investir suas habilidades psíquicas no trabalho, canalizando suas pulsões e mantendo dessa forma o aparelho psíquico em equilíbrio. (DEJOURS, 2008).

Logo, a partir de sua contribuição teórica é possível obter uma compreensão contemporânea acerca da vivência subjetiva, do sofrimento e do prazer frente às alterações estruturais no mundo do trabalho, tais como a globalização, o crescimento do desemprego, o avanço tecnológico e gerencial, trazidos por uma nova organização do trabalho, novas formas de injustiças sociais são advindas pelas desigualdades dentro e fora do trabalho, acarretando diferentes maneiras de lidar e vivenciar o sofrimento psíquico e social relacionado à informalidade (DEJOURS, 2008, p. 31). A PDT não considera apenas os processos de saúde-doença, mas aprofunda-se nos diferentes aspectos que o ato de trabalhar engloba.

As relações de trabalho informal no atual cenário econômico mundial consistem em um desafio considerável para as ciências humanas que se dedicam ao estudo das relações estabelecidas entre a díade sujeito-trabalho. Importante salientar que muitos avanços ocorreram na teoria da Psicodinâmica do Trabalho desde sua origem até os dias atuais de modo a acompanhar o ritmo de tais transformações no mundo do trabalho. O Brasil inclusive é considerado um dos colaboradores mais significativos para a teoria, visto que muitos estudos brasileiros contribuíram para ampliação e reformulação de conceitos.

Através de buscas realizadas nas bases de dados Scielo, Pepsic, Lilacs e biblioteca da capes de teses e dissertações foram encontrados três estudos envolvendo situação de trabalho informal e o uso da Psicodinâmica do Trabalho como teoria norteadora, via palavras-chave trabalho informal – Psicodinâmica do Trabalho (ASSIS; MACÊDO, 2010; CUNHA; VIEIRA, 2009; ALVAREZ ET AL, 2007).

A partir da busca com as palavras chave trabalho informal - Psicodinâmica do Trabalho — feirantes - apenas um estudo abordando as vivências de trabalhadores na feira, a partir da ótica da PDT foi identificado. (MORRONE; MENDES, 2003).

Ao acrescentar a palavra fronteira nas buscas, nenhum resultado foi obtido, o que reafirma a importância do presente estudo como forma de contribuir para a temática.

2.2.1 BREVE HISTÓRICO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO (PDT)

O estudo acerca da influência do trabalho sobre a saúde mental dos indivíduos não é recente, já que em meados do século XX a Psicopatologia do Trabalho (PPT) buscava estabelecer nexos entre os processos psíquicos e o labor, sendo uma das primeiras disciplinas a considerar a importância do trabalho para a construção da identidade e manutenção da saúde.

As investigações desenvolvidas pelos teóricos franceses dessa abordagem, entre eles Le Guillant, Jean Bégoïn e Paul Sivadon, consideravam o trabalho como fator central na evolução dos distúrbios psíquicos, enfatizando as relações causais entre doenças mentais e situação de trabalho. Considerando que o sofrimento mental dos trabalhadores resultava das condições e da organização do trabalho e buscando identificar patologias mentais, Le Guillant, realizou estudos sobre a neurose das telefonistas, dado o aumento das licenças por trabalhadoras dessa categoria (LE GUILLANT; 1956,1984)

Na década de 1980 na França, os estudos do psiquiatra, psicanalista e médico do trabalho, Christophe Dejours, ganha destaque, ao não focar suas investigações sobre as doenças mentais, mas sim debruçando-se sobre o sofrimento e as defesas, na busca de compreender o enigma da normalidade, diante das diferentes estruturas da organização do trabalho que os indivíduos encontram-se submetidos. (SANTOS; GALERY, 2011).

Em 1980 o autor apresenta seu estudo em Psicopatologia do Trabalho, frisando questões sociais e políticas fruto principalmente do contexto histórico que permeiam a relação trabalho-saúde mental. (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994). Em seus resultados, Dejours evidenciou que o estado de normalidade prevalecia sobre o adoecimento mesmo em contextos laborais precários, instigando-o a buscar compreender de que forma a normalidade era estabelecida ainda que nessas condições. Concluiu então, que o não adoecimento é garantido através do equilíbrio investido pelo sujeito, tornando o ponto de partida para a compreensão da “normalidade” na qual a maioria dos trabalhadores se mantêm. (DEJOURS, 2008)

Esse estado de equilíbrio é atingido através da utilização de estratégias (individuais ou coletivas) construídas pelos trabalhadores como forma de auxiliar na não descompensação mental. Subjetivamente, o trabalhador se sente fortalecido para encarar a organização do trabalho, pois independente do modelo de gestão da organização do trabalho haverá implicações na saúde dos trabalhadores.

Na obra “A loucura do trabalho”, Dejours (1987) define que “o sofrimento designa o campo que separa a doença da saúde”, sendo assim a centralidade das investigações da PDT é o sofrimento psíquico, entendido como o modo fundamental pelo qual se dá o trabalho. (AUGUSTO; MENDES; FREITAS, 2014)

As investigações subsequentes se debruçam sobre a origem desse sofrimento psíquico e as consequências advindas do confronto entre o psiquismo e a organização do trabalho, pautando suas análises nas diferentes estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores para lidar com esse sofrimento. Considerando o trabalho como elemento central na construção da saúde e identidade individual, a manutenção da saúde do trabalhador está totalmente vinculada à liberdade e autonomia em seu contexto laboral. (MENDES, 1995; DEJOURS, 1986).

De acordo com a abordagem, o sofrimento psíquico é inerente ao labor, sendo o confronto entre o psiquismo do trabalhador e a organização do trabalho material de análise da dinâmica do sofrimento e das estratégias defensivas empregadas.

Na década de 1990 os estudos são voltados principalmente para a investigação acerca do lugar do prazer nessa dinâmica e os mecanismos utilizados para manter-se em equilíbrio, aprofundando suas análises acerca do papel do trabalho na construção da identidade via dinâmica do reconhecimento.

Dos anos 90 para cá outros campos vêm sendo explorados, como por exemplo, os processos de subjetivação, saúde do trabalhador e patologias sociopsíquicas, bem como as dimensões da organização do trabalho, da mobilização subjetiva, as vivências de sofrimento e o uso de estratégias defensivas. (MENDES; MORRONE, 2012; RAMAGEM, 2013).

A Psicodinâmica do Trabalho propõe que os resultados das investigações acerca da subjetividade do sujeito e sua relação com o trabalho, sejam

analisados através da Clínica do Trabalho, método de investigação que agrega conhecimentos oriundos de diferentes correntes, como psicanálise, teoria social, psicologia do trabalho e da ergonomia franco – belga. (DEJOURS, 1995). O método da PDT permite a construção de uma visão clínica dos processos de subjetivação se fundamentando na observação e na escuta de situação vivenciadas pelos trabalhadores. (MARTINS, 2012)

ALGUNS CONCEITOS NORTEADORES

A fim de orientar o estudo com os feirantes de Corumbá-MS, categorias básicas para sua compreensão foram estabelecidas considerando alguns conceitos fundamentais da Psicodinâmica do Trabalho.

Importante partir do pressuposto de que para que o trabalhador consiga garantir seu equilíbrio psíquico, a organização do trabalho precisa oferecer subsídios para que haja uma negociação entre as imposições organizacionais e os desejos dos trabalhadores. O conceito de organização do trabalho refere-se às exigências dentro do contexto laboral, exercendo sobre o sujeito uma ação que incide diretamente no seu aparelho psíquico. (DEJOURS, 1992).

Sendo assim, a organização do trabalho consiste em um conceito importantíssimo na teoria, uma vez que é a partir da sua configuração que os processos de trabalho se desenvolvem, sendo a organização do trabalho quem institui a divisão das tarefas (repartição, cadência, ritmos, turnos) e dos homens (responsabilidades, hierarquia, comando, controle) no mundo do trabalho.

Diferentes modelos de organização do trabalho podem ser adotados, dependendo da questão gerencialista e também da categoria profissional. Em determinados casos, pode assumir caráter homogêneo e ser promotor de saúde mental, em outros, pode funcionar de maneira completamente oposta, isso irá depender, conforme afirma Mendes (1995, p.36) “dos interesses econômicos, ideológicos e políticos daqueles que dominam o processo produtivo”. Ou seja, a maneira conforme a organização do trabalho funciona, irá influenciar a dinâmica do trabalhador. Ao ser flexível acaba contribuindo para que o sujeito consiga expressar sua subjetividade, desenvolvendo sua autonomia, criatividade e tornando o ato de trabalhar um mediador. (COELHO, 2016).

Sendo a organização do trabalho um elemento primordial para o estabelecimento do equilíbrio psíquico do trabalhador, a partir do momento em

que a realidade do contexto laboral não favorece uma negociação, não atende aos desejos, expectativas do trabalhador e nem às exigências da organização do trabalho, ou seja, ao modo operatório prescrito essa relação é comprometida, gerando o conflito entre a organização do trabalho prescrita e a organização do trabalho real que pode acarretar consequências psicológicas e psicossomáticas para o indivíduo. (ROSSI, 2012).

O trabalho prescrito pode ou não corresponder ao trabalho real, uma vez que muitos fatores acabam escapando a ele. De acordo com Anjos et al (2011) o prescrito está relacionado aos elementos que antecedem a execução da tarefa, funcionando para uma forma de orientação, burocratização e fiscalização e podendo ser fonte de reconhecimento e/ou de punição. Já o real, corresponde àquelas situações que são inesperadas e que as regras e demais normas prescritas anteriormente não dão conta, consiste no investimento subjetivo do trabalhador. (DEJOURS, 2011).

Relaciona-se a isso por exemplo, as possíveis falhas, contradições, imprevistos, que possam vir a ocorrer no trabalho. Nesse sentido, os trabalhadores precisam optar entre cumprir o prescrito ou descumpri-lo para alcançar o que a tarefa exige. Segundo Anjos (2013) nenhuma regra (ou manual) pode dar conta de todas as situações, visto que existe uma gama de possibilidades diferentes daquelas previstas pela prescrição que podem acontecer inevitavelmente no momento da execução, como: ineditismos, imprevistos, contradições, ambivalências, falhas, etc. Frente a este impasse, temos a figura do trabalhador que ao se deparar com a lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real, quando encontra essa discrepância entre ambos, ele vivencia o sofrimento. (ANJOS, 2013, p.271).

Vivenciar o sofrimento consiste em uma experiência inconsciente, intensa e duradoura com a predominância de sentimentos como angústia, medo e insegurança, advindas principalmente do conflito entre o desejo do indivíduo e a configuração da organização do trabalho. (FERREIRA; MENDES, 2003).

Tais vivências, originam-se das situações adversas provenientes do contexto de trabalho, compreendido por Ferreira e Mendes (2003) mediante três dimensões: organização do trabalho, condições e relações socioprofissionais, que encontram-se inter-relacionadas e interdependentes entre si.

A dimensão organização do trabalho, relaciona-se à divisão de tarefas, gestão do trabalho, trabalho prescrito, hierarquias; as condições de trabalho estão ligadas ao ambiente físico, ao ambiente biológico, às condições de higiene, de segurança e às características antropométricas do posto de trabalho), e as relações socioprofissionais, compreendem os vínculos com superiores membros da equipe e/ou usuários. (DEJOURS; 1994, 2008).

O sofrimento media o estado patológico e o saudável quando mobiliza o sujeito à mudança da situação desencadeadora de desconforto e conflito. Embora o exercício do trabalho seja permeado por sofrimento, cada trabalhador dará um destino diferente para suas vivências dependendo de como a organização do trabalho está estruturada.

Sendo assim, o sofrimento vivenciado no contexto laboral pode ser patogênico ou criativo. Ao estar inserido em uma organização que lhe oferece subsídios para que hajam negociações entre seu desejo e as imposições organizacionais, o sofrimento poderá ser canalizado para mobilizar o indivíduo na transformação desse sofrimento. O sofrimento passa a ser criativo quando é transformado e o trabalho ressignificado através da criatividade, contribuindo com algo novo para a organização do trabalho. (MACÊDO, 2013).

O sofrimento patogênico existirá quando a organização for rígida e inflexível, não oferecendo possibilidade de negociação (liberdade) entre a organização e o trabalhador, fazendo com que o mesmo tenha dificuldades para encontrar válvulas de escape pulsionais, o que implicará no uso de estratégias defensivas para suportar a realidade de trabalho. Quando o indivíduo demonstra que seu repertório de recursos internos para transformar o sofrimento é ineficaz, seu equilíbrio psíquico encontra-se comprometido, podendo desencadear doenças mentais ou psicossomáticas. (DEJOURS; ABDOUCHELLU; JAYET, 1994; MACÊDO, 2013).

Nesse sentido, vivenciar o sofrimento não implica em uma descompensação, visto que o sujeito irá lançar mão de estratégias que permitirão mantê-lo no trabalho. Tais estratégias são oferecidas pela própria organização do trabalho, seja através de estratégias defensivas ou pela mobilização subjetiva. Quando o sofrimento não é ressignificado e a organização do trabalho não oferece condições para que o indivíduo mobilize-se

subjetivamente, as estratégias defensivas são usadas para favorecer o equilíbrio psíquico e a adaptação às situações de desgaste emocional. (SILVA; FREITAS, p.436, 2012).

Para que os trabalhadores deem conta do trabalho prescrito e correspondam às expectativas da organização, permanecendo sem adoecer, eles utilizam diferentes estratégias defensivas para enfrentar esse sofrimento. Essas estratégias podem ser individuais ou coletivas, ambas funcionando como uma proteção ao sofrimento, auxiliando a manter o equilíbrio psíquico.

O funcionamento das estratégias defensivas é inconsciente, uma vez que nega-se o sofrimento, justamente no desvelamento das estratégias que o trabalhador reconhece o sofrimento experimentado na organização do trabalho. (DEJOURS; GERNET, 2010). Importante mencionar, que as estratégias defensivas diferenciam-se dos mecanismos de defesa egóicos, pois enquanto os mecanismos de defesa protegem o ego da angústia gerada a partir de conflitos intrapsíquicos, as estratégias, buscam minimizar a percepção do sofrimento advindo do contexto laboral, com o intuito de manter distantes os riscos de doença mental ou somática. (MORAES, 2013; GERNET, 2010)

Consistem nos modos de agir específicos adotados pelos trabalhadores frente à organização do trabalho e auxiliam o trabalhador a resistir psicicamente ajudando a minimizar ou até mascarar o sofrimento para proteger os trabalhadores de seus efeitos deletérios sobre a saúde mental (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

As estratégias defensivas podem ser estruturadas da seguinte maneira: defesas de proteção, que se fundamentam na racionalização e defesas de adaptação e de exploração, que se baseiam na negação do sofrimento e na submissão do desejo dos trabalhadores aos objetivos da organização. Muito embora as estratégias funcionem como uma proteção do psiquismo, elas não têm a capacidade de promover a emancipação dos trabalhadores. (DEJOURS, 2011; MORAES, 2012).

Já a mobilização subjetiva está relacionada ao engajamento subjetivo do trabalhador diante das situações de trabalho, possuindo uma dinâmica diferente. Através da mobilização subjetiva busca-se a identidade do sujeito, que não quer apenas executar determinada tarefa, mas sim dar sentido ao seu trabalho.

Consiste portanto, em um processo no qual o sujeito tem a possibilidade de reinventar-se. De acordo com Mendes e Duarte (2012)

Quando há espaço para que ocorra essa mobilização, o Desejo e o Sujeito podem se engajar no trabalho e se reconhecerem – e serem reconhecidos – como sujeitos únicos, peças singulares sem as quais o trabalho não ganharia vida. Sem o outro, não há o reconhecimento, e conseqüentemente não haveria mobilização subjetiva pois é uma contribuição que só se consolida na sua retribuição – conferida pela organização do trabalho (pares, superiores, clientes) (MENDES; DUARTE, p. 2012).

Logo, à medida em que existe a dinâmica de reconhecimento da qualidade do trabalho realizado, o ego do indivíduo é satisfeito. O reconhecimento consiste portanto, na retribuição fundamental, fator importante para a construção da identidade tendo função essencial à saúde psíquica do indivíduo. O reconhecimento do trabalho é uma forma de realização do eu no campo social (GERNET; DEJOURS, 2011), ou ainda uma “forma específica de retribuição moral-simbólica dada ao ego, como compensação por sua contribuição à eficácia da organização do trabalho, isto é, pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência” (DEJOURS, 2002, p. 55-56).

Vale considerar que as vivências de prazer, manifestam-se por meio da gratificação, realização, reconhecimento, liberdade, valorização e satisfação. (FERREIRA; MENDES, 2003). Poder-se-á portanto transformar as vivências de sofrimento em prazer a partir dessa dinâmica de reconhecimento, bem como quando a organização do trabalho possibilita a engenhosidade do indivíduo, sendo os caminhos possíveis para a ressignificação do sofrimento.

O reconhecimento nesse sentido, é compreendido como uma retribuição de natureza simbólica pela qual o indivíduo almeja, sendo sua ausência desmobilizadora (DEJOURS, 2004).

Sendo assim, de acordo com Macêdo (2013), se no sofrimento patogênico o indivíduo demonstra esgotamento de seus recursos internos para transformar o sofrimento, comprometendo seu equilíbrio psíquico e utilizando estratégias defensivas para suportar o contexto de trabalho, quando vivencia-se o sofrimento criativo o indivíduo consegue se mobilizar para transformação do sofrimento em algo positivo para si. Quando o trabalho realiza a passagem do sofrimento para o prazer, via dinâmica de reconhecimento, denomina-se sublimação. Para que a sublimação ocorra necessita-se do preenchimento de

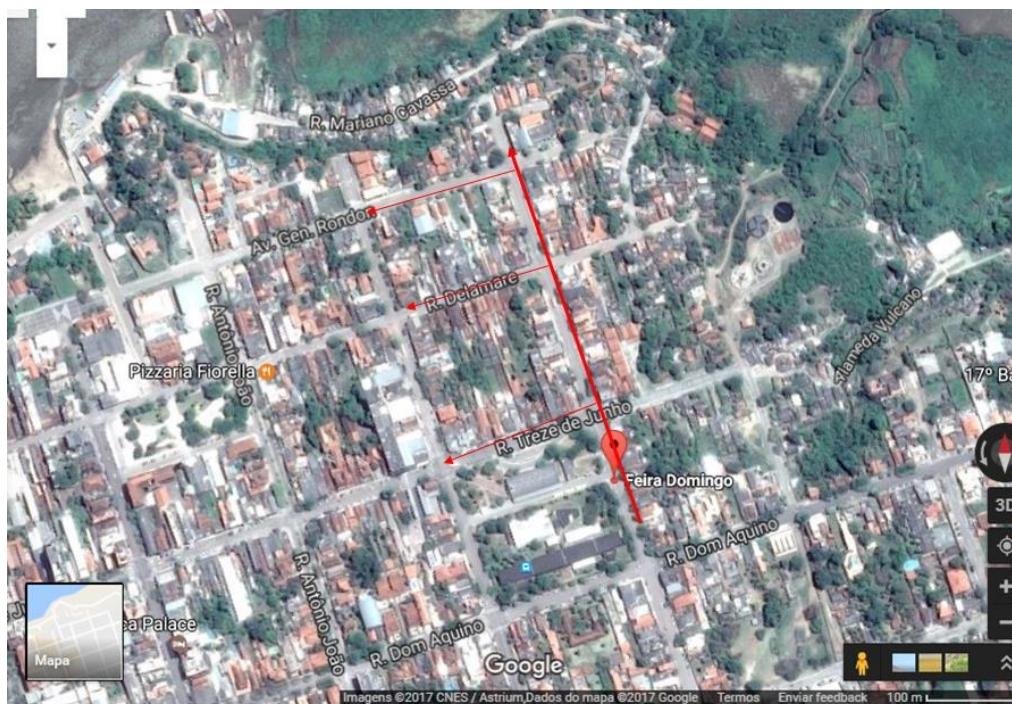
condições psíquicas, organizacionais, éticas e sociais. (MACÊDO, 2013; DEJOURS, 2004).

Pode-se concluir dessa forma, que o ato de trabalhar pode ao mesmo tempo englobar vivências de prazer quanto de sofrimento, sendo elas indissociáveis. Uma série de fatores serão necessário para haver a alteração do estado em que o indivíduo se encontra, considerando que o trabalho contribui para modificar o sofrimento em prazer a partir de condições sociais, políticas e éticas da organização e dos processos de trabalho. (MENDES; MULLER, 2012).

3- CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL ESTUDADO

Nessa sessão, buscaremos aqui iniciar uma discussão acerca das relações estabelecidas no local estudado, a partir das relações de poder na informalidade das relações de trabalho.

FIGURA 1 – FEIRA LIVRE DE DOMINGO



Fonte: Google Earth, 2016.

A escolha da realização da pesquisa no espaço da feira-livre se deu pelo fato de reunir predominantemente o trabalho informal e por consistir em um cenário em que se desenvolvem diferentes tipos de relações materiais e simbólicas. Na cidade de Corumbá, interior de Mato Grosso do Sul, fronteira oeste do Brasil com a Bolívia, as feiras-livres se constituem exemplos emblemáticos envolvendo a questão da informalidade na fronteira, por estarem localizadas em uma região que envolve fluxos e mobilidades e que propiciam possibilidades para ambos os lados.

O desenrolar das práticas comerciais na fronteira possui caráter multifacetado, onde corumbaenses, ladarenses, turistas e imigrantes movimentam a região com uma dinâmica bastante diferenciada. A realização das feiras-livres consiste em um grande atrativo para a região, dada a variedade de oferta dos produtos. Além disso, o custo benefício é outro atrativo importante,

já que a distância entre Corumbá e os centros produtores no Brasil tende a encarecer as mercadorias.

Na região estudada, as feiras instalam-se em via pública e são itinerantes, ocorrendo semanalmente, cada dia da semana em um ponto específico da cidade. Por constituir uma atividade itinerante e ser desenvolvida em um espaço público, de acordo com Sato (2007) a feira estrutura uma ampla rede de relações envolvendo gramáticas sociais e regras tácitas, transcendendo a questão meramente comercial, uma vez que fomenta a sociabilidade e contribui para a manutenção das tradições locais, culturais e sociais carregadas de significados.

O dia de feira permite traçar diferentes reflexões acerca das noções de indivíduo, sociedade e cultura em suas complexas e múltiplas relações e redes de significado, desempenhando papel econômico e social. (VELHO, 1999; ANJOS, 2007).

Frequentar a feira-livre é tradição na região supracitada e possuem um conjunto de elementos (tempo, agentes sociais e processos) que influenciam a cidade ao construir espaços de sociabilidade e agregar uma diversidade imensa de rituais, comportamentos, normas, de uso e apropriação do território urbano (DORONIM; ARAÚJO, 2009). Portanto, o funcionamento da feira não está baseado somente nas negociações de compra e venda de mercadorias, visto que conseguem proporcionar uma ampla rede de relações sociais. Araújo (2011) afirma que os espaços das feiras:

(...) vão além de simples pontos de compra e venda de mercadorias. São lugares privilegiados, em que se desenvolve uma série de sociabilidades. São, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, loci escolhidos para os mais variados atos da vida social e mantem, assim, um sentido de permanência e de identidade. Tal sociabilidade é dotada de um caráter positivo-constructivo, afirmativo para as pessoas que dela participam. Sabe-se que, na teoria social, a noção de sociabilidade se refere geralmente a situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas. (ARAÚJO, 2011, p.90).

A mobilidade da feira em Corumbá e região acaba garantindo acesso a um número expressivo de pessoas. Esse tipo de prática comercial permite que os feirantes se situam e convivam em ambientes sociais, econômicos e culturais diferentes, lidando com perfis da freguesia e formas de convivência diferentes em cada lugar. Durante o funcionamento da feira, a dinâmica espacial das

idades é alterada, em virtude do fechamento das ruas e da movimentação de usuários e trabalhadores. (DANTAS, 2008).

São portanto, importantes locais de interação, não apenas pelo caráter comercial, como também pelo social, sendo antes de mais nada um local do encontro, onde feirantes e população definem papéis sociais que transcendem as funções estritamente econômicas. Como constata Vedana (2004), a feira-livre envolve, em seu processo de trabalho, relações de troca e reciprocidade, permeadas por trocas de conhecimentos entre fregueses e feirantes. Portanto, as feiras englobam uma série de fatores plausíveis de investigação.

Especialmente no universo das cidades brasileiras, as feiras constituem um verdadeiro palco para a construção de saberes do trabalho através de atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, formas de agir e se relacionar. A partir dessa interação compõem uma rede de sociabilidades vivenciadas no âmbito desses territórios, construídos e reconstruídos diariamente. (LEWIN, 1973; JUSTINO, 1989; VEDANA, 2004).

Se o cenário das feiras-livres por si só já é repleto de singularidades e elementos simbólicos, sendo contextos propícios para investigações antropológicas, ao trazermos a fronteira para a discussão outras questões nos surgem ao considerarmos a fronteira como um fenômeno socioespacial sistêmico a partir das relações com o “diferente” (diferenças políticas, culturais, de organização do espaço, etc.), é a partir dessa diferença que a fronteira surge. (MARTINS, 2010; RAFFESTIN, 1993).

A vida em comum com o “outro” funciona como uma referência identitária na construção do lugar e do “ser fronteiriço”. (NOGUEIRA, 2007). De acordo com Costa (2013), as diferentes formas de comercialização nessa região, sejam feiras-livres ou o comércio na Bolívia, representam um terreno fértil em que a vida na fronteira se desenvolve, propiciando condições para as interações sociais e culturais, em torno das quais as vidas das pessoas ganham sentido, negociando não apenas mercadorias, mas suas identidades; logo, não representam apenas a possibilidade de garantir sua renda, como a possibilidade da identidade nesse espaço ser socialmente construída e repleta de significados. (COSTA, 2013, p.10). Ainda, para Machado (1998, p.2), na fronteira existem transações intensas entre mercados e consumidores brasileiros e bolivianos, em

que são compartilhadas diversas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais distintas.

A feira em Corumbá, enquanto lugar antropológico de trocas (materiais e simbólicas) e espaço onde desenvolvem-se construções culturais, territorialidades e pertencimentos pelos atores sociais, sejam feirantes ou fregueses (SOUZA, 2015), é atravessada por relações de poder.

Apesar da fronteira funcionar como um lugar propício aos negócios para os migrantes e comerciantes, tanto pela proximidade física como pelo "diferencial fronteiriço" (COSTA, 2015, p.), ao agregar diferentes moedas e legislações, ela é constituída por elementos propícios à exclusão.

Enquanto campo de exclusão social, o trabalho nesse contexto possui diferentes dimensões. Conforme discutido anteriormente na primeira seção, diante das transformações ocorridas a partir da década de 70 com a crise do capitalismo fazendo emergir o modelo de acumulação flexível, novas formas de relações de trabalho surgiram, sendo pautadas principalmente pela condição de precarização e nesse sentido temos o aparecimento do fenômeno da informalidade. Assim, as relações de trabalho permeadas pela informalidade nessa fronteira requerem análises minuciosas, visto que ao iniciarmos essa discussão encontramos diversos aspectos presentes, como a questão cultural, as relações de poder, as interações, etc.

Podemos dizer que nessa região, assim como todas relações são permeadas por alguma relação de poder, evidencia-se a existência dessas relações que atravessam as relações sociais no trabalho e fora dele. Importante dizer que o poder existe em ato, funcionando sempre de maneira relacional dentro de uma relação e se exercendo sobre ela (FOUCAULT, 1979).

Consiste basicamente no modo de ação de determinados sujeitos sobre outros, podendo evoluir e se apresentar de maneira sofisticada e sutil. Grosso modo, o poder existe independente da vontade dos indivíduos e se exerce, coagindo os indivíduos. Apesar de parecer invisível, o poder adquire força a medida em que os indivíduos reproduzem tais relações. (ORSO, 1996).

Dessa maneira, apreendem-se a manutenção das relações de poder entre os trabalhadores da feira-livre, estando presentes aspectos dessas relações, por exemplo, ao observamos a questão da informalidade dos feirantes perante os

formais na cidade, principalmente árabes e palestinos maioria no comércio formal de confecções da cidade nas lojas do centro. (COSTA,2015).

Nesse sentido, identifica-se outro fator interessante, a nacionalidade, funcionando como um aspecto importante nas relações de poder que irão nortear a vida dos moradores fronteiriços, uma vez que organiza o espaço cotidiano, determina o acesso a direitos ou define a situação de estrangeiros. (GRIMSON, 2003).

De acordo com Madureira et al (2013):

Diferentes problemas sociais são refletidos nas atitudes dos bolivianos que em muitos casos se rebaixam e escodem sua cultura local. Em conversa com moradores locais descobrimos casos de bolivianos que tentam se passar por brasileiros para que não haja nenhum preconceito ou rejeição. Portanto, mesmo que em muitos casos não esteja explícito, a xenofobia e o preconceito à cultura alheia está presente na cidade de Corumbá, principalmente quando se trata da relação entre brasileiros e bolivianos. (MADUREIRA et al, 2013, p.18).

Dessa forma, na seção cinco, é discutida a questão do exercício de poder a partir das questões relacionadas à nacionalidade nessa região. Conforme vimos, o presente estudo busca realizar articulações entre diferentes temáticas. As relações de poder aqui, são compreendidas a partir das relações de trabalho informal na fronteira.

SEÇÃO IV - MÉTODO E PERCURSO DA PESQUISA

Nessa seção serão expostos os procedimentos metodológicos utilizados para o alcance dos respectivos objetivos do estudo.

Trabalhadores de várias nacionalidades compõem a categoria que exerce atividades na feira-livre estudada, sendo o número bastante flutuante, de acordo com as vendas, visto que muitos inserem-se naquele trabalho apenas quando se aproximam datas comemorativas, como o dia dos pais, o dia das mães, páscoa, dia dos namorados. Assim, pelo fato da maior parcela desses trabalhadores ser composta de estrangeiros, e pela dificuldade de encontrá-los caso houvesse desistência da atividade na feira, um dos critérios de inclusão na pesquisa foi o feirante ser brasileiro. Também adotou-se como critérios de inclusão que o participante tivesse mais que 18 anos e trabalhasse em outras feiras, sendo apenas uma pessoa entrevistada por barraca.

4.1 Tipo de abordagem e método de pesquisa

Trata-se de um estudo de cunho exploratório e natureza quali-quantitativa, o qual buscou demonstrar as especificidades e fenômenos de uma população ainda pouco estudada, adotando-se para isso os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, para levantar e analisar os aspectos referentes às vivências subjetivas de feirantes em Corumbá-MS. Além disso, foram levantados e analisados elementos mensuráveis, obtidos através de uma escala psicológica aplicada, os quais foram complementares à análise qualitativa, a qual foi predominante nesta investigação.

A análise qualitativa possibilitou a compreensão do fenômeno sob uma posição privilegiada e de maneira aprofundada, sob a perspectiva dos próprios profissionais envolvidos nas situações e no ambiente de trabalho, adequando-se ao modelo proposto por Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994). Já os dados quantitativos, são os dados passíveis de mensuração, expressam uma medição precisa em relação à quantidade através de métodos específicos.

4.2 Procedimentos de Coleta de dados

Em Corumbá, as feiras-livres ocorrem de segunda a domingo em bairros diferentes. Aos sábados é realizada no período noturno em Corumbá, e no período diurno em Ladário (município vizinho). A presente pesquisa foi realizada na feira-livre de maior impacto na região, que acontece aos domingos no centro da cidade de Corumbá-MS.

Nesse dia, a feira agrega um número considerável de barracas, logo, de consumidores. Por conta disso possui uma maior visibilidade, dada sua localização e extensão. A feira de domingo ocorre semanalmente na Rua Ladário, no período diurno (por volta de 07h até ao 12h), envolvendo quatro quarteirões.

De acordo com dados fornecidos pelo representante dos feirantes, e presidente da associação inativa, estima-se que o número de feirantes esteja entre trezentos e cinquenta a quatrocentos pessoas, no entanto é um número apenas estimado, visto que existem muitos que não efetuaram o cadastro junto ao órgão responsável pelo cadastro dos feirantes (CAC – Central de Atendimento ao Consumidor).

A aplicação dos instrumentos foi realizada durante o funcionamento da feira, sendo agendada previamente com os trabalhadores e transcorreram com algumas interrupções, tendo duração aproximada de 1 (uma) hora.

Para aqueles que aceitaram participar da pesquisa foram apresentados os objetivos da investigação e aplicados respectivamente a escala (EIPST), o questionário e a entrevista, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE), atendendo à resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que trata de pesquisas e testes em seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob o n. CAAE 60080316.6.0000.0021. (ANEXO).

4.2.2 Instrumentos

Para o levantamento de dados foram aplicados um questionário para levantamento dos dados pessoais, uma escala e uma entrevista individual semiestruturada, apresentados detalhadamente a seguir:

Instrumentos Qualitativos

- O questionário para levantamento dos dados sócio demográfico e ocupacional (APÊNDICE) abordou questões referentes à idade, gênero, estado civil, escolaridade, tempo de trabalho na feira, se tinha emprego fora da feira e qual o cargo que ocupava.

- A entrevista semiestruturada (APÊNDICE) foi aplicada individualmente, e se propôs investigar a percepção dos entrevistados acerca do seu contexto laboral, além de identificar estratégias defensivas (individual e coletiva), e identificar a percepção de vivências de prazer e sofrimento relacionadas ao viver e trabalhar em uma região fronteiriça. Através da realização de entrevistas, o pesquisador tem a possibilidade de acessar alguns temas complexos, explorando-os em profundidade, uma vez que o investigador está interessado em compreender o sentido que o sujeito atribui a questões relacionados ao objeto de estudo.

Instrumento Quantitativo

- A Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST), consiste em umas das quatro escalas contidas no Inventário de Riscos e Adoecimento no Trabalho (ITRA) elaborado por Mendes (2007).

O ITRA é composto por escalas interdependentes sendo elas: Escala de Avaliação do Contexto do Trabalho(CT); Escala de Custo Humano no Trabalho (HT); Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho (DRT) e a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST), que avaliam diferentes dimensões estabelecidas na inter-relação de trabalho e riscos de adoecimento.

Para atingir os objetivos do estudo, apenas o uso da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST) foi suficiente. Considerando que as vivências do prazer e do sofrimento estão intrinsicamente relacionadas, a escala foi adaptada por Mendes e Araújo (2012), que ofereceram maior relevância ao sofrimento patogênico, identificado na presença de vivências negativas e ausência de vivências positivas:

Esta dialética se aproxima da proposta teórica, indicando que o positivo não é ausência do negativo, mas são vivências concomitantes, e sobretudo, mediadas pelas defesas, por isso a perspectiva do inventário diagnosticar riscos, tendências e o destino do sofrimento, e não as vivências de prazer e sofrimento em si (...) (MENDES; ARAÚJO, 2012, p.135).

A Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST), é composta por 32 itens, distribuídos em quatro diferentes fatores:

- 1- Realização Profissional;
- 2-Liberdade de expressão;
- 3- Esgotamento emocional; e
- 4- Falta de reconhecimento.

O fator Realização profissional e Liberdade de expressão avaliam as vivências de prazer enquanto que os fatores Esgotamento emocional e Falta de reconhecimento as vivências de sofrimento. A Realização profissional, indica vivência de gratificação, orgulho e identificação com o trabalho, e é composta por 9 itens e confiabilidade de 0,93. A Liberdade de expressão, indica vivência de liberdade para pensar, organizar e falar sobre o trabalho, sendo composta por 8 itens e confiabilidade de 0,80. O Esgotamento profissional, indica vivência de frustração, insegurança, inutilidade, desgaste, insatisfação e estresse no trabalho, e sendo composta por 7 itens e confiabilidade de 0,89. Já a Falta de Reconhecimento indica vivência de injustiça e desvalorização pelo não reconhecimento do trabalho, composta por 8 itens e confiabilidade de 0,87.

A escala de pontuação é do tipo *likert* e varia de 7 pontos, onde 0 corresponde a ocorrência de nenhuma vez, 1 = uma vez, 2 = duas vezes, 3 = três vezes, 4 = quatro vezes, 5 = cinco vezes e 6 = seis ou ocorrências. É construída com itens positivos para os indicadores de prazer e sua análise deve ser realizada por cada fator e com base em três níveis diferentes, e desvio padrão para cada um.

4.3 Procedimentos de análise

- O questionário para levantamento dos dados pessoais abordou questões referentes à idade, gênero, estado civil, escolaridade, emprego atual e tempo desempenhando a atividade. Foram tabulados com auxílio de planilha eletrônica Excel versão 2016 16.0.6741.2048, por meio da qual foi possível verificar a frequência, média e desvio padrão dos dados.

- Com base nos pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, as questões da entrevista foram elaboradas buscando apreender fatores acerca da organização do trabalho, das relações com os colegas, clientes, prazer e sofrimento no trabalho, condições de trabalho e aspectos da saúde física e mental.

As entrevistas individuais foram áudio-gravadas e transcritas na íntegra, as quais foram submetidas à análise e os resultados foram avaliados com base na técnica de Análise do Núcleo de Sentido (ANS), apresentada por Mendes (2007), que se referenciou na análise de conteúdo categorial de Bardin (2011), priorizando os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho.

Na Análise de Núcleo de Sentido o pesquisador deve priorizar a escuta e buscar meios de compreender a lógica do sujeito entrevistado, direcionando a entrevista para o levantamento de dados referente à organização do trabalho, subjetivações de prazer e sofrimento, estratégias defensivas, etc. A autora completa ainda (MENDES, 2007, p.85):

É por meio da palavra que o pesquisador tem acesso aos conteúdos latentes; é por meio da análise das contradições, incoerências e mecanismos de defesa expressos no discurso, que é possível a verificação da dinâmica de prazer-sofrimento em relação ao contexto de trabalho, das mediações, da saúde dos processos de subjetivação antecedentes. (MENDES, 2007, p.85).

A técnica ANS consiste nas análises de textos produzidos a partir de comunicação oral e/ou escrita, considerando a rede de significados apreendidos pelo conteúdo dos núcleos, que tem expressão em particularidades da linguagem. Sendo impossível realizar a Clínica do Trabalho, com sessões coletivas nesse contexto laboral, essa técnica auxilia na interpretação das entrevistas individuais, já que temas similares do discurso dos trabalhadores irão se agrupar.

As formas de categorização basearam-se nos critérios de recorrência dos temas, extraídos das verbalizações dos trabalhadores, bem como nos conteúdos manifestos, latentes, contraditórios e essenciais para atender aos objetivos. (MENDES, 2007). O status de núcleo de sentido é dado pela força dos temas, uma vez que ao serem recorrentes, criam uma consistência em torno daquele núcleo.

Foram construídas categorias que contemplassem alguns elementos presentes no contexto de trabalho do feirante, sendo estruturada a partir de conceitos da Psicodinâmica do Trabalho, mas sofrendo algumas adaptações, como por exemplo, o linguajar.

- A Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST) (MENDES, 2003) foi aplicada seguindo o questionamento: “Avaliando o seu trabalho nos marque o número de vezes em que ocorrem vivências positivas e negativas”. Para avaliar as vivências de prazer, seguiu-se os pontos de corte apresentado por Mendes (2007) para avaliar os itens relacionados às vivências de prazer:

- a) Acima de 4,0 = avaliação mais positiva, satisfatório;
- b) Entre 3,9 e 2,1 = avaliação moderada, crítico;
- c) Abaixo de 2,0 = avaliação para raramente, grave;

E para avaliar os itens negativos considerou-se:

- a) Acima de 4,0 = avaliação mais negativa, grave;
- b) Entre 3,9 e 2,1 = avaliação moderada, crítico;
- c) Abaixo de 2,0 = avaliação menos negativa, satisfatório.

Importante esclarecer que a utilização da escala sofreu algumas limitações em decorrência da dificuldade na aplicação, tanto por ter sido aplicada no local de trabalho, durante um dia de feira, o que pressupõe interferências,

quanto pelo fato de haver nos estudos em psicologia um déficit no que diz respeito à uma metodologia que ofereça os aportes necessários para a apreensão de conteúdos subjetivos junto a populações com baixa escolaridade e/ou analfabetos. Além disso, deve-se considerar que a Escala não prevê a aplicação em um contexto em que a organização do trabalho é flexível, o que nos exigiu que adaptássemos algumas palavras para melhor compreensão.

IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta sessão será dedicada à exposição dos resultados adquiridos pelo estudo através da aplicação dos instrumentos com o intuito de levantar as vivências de prazer e sofrimento de feirantes da cidade de Corumbá-MS, bem como a articulação com a teoria. Destaca-se que as análises priorizaram os dados qualitativos levantados via entrevista semiestruturada, os quais foram discutidos à luz dos pressupostos teóricos da Psicodinâmica do Trabalho. As informações coletadas pela Escala de Prazer e Sofrimento no Trabalho e pelo questionário sócio demográfico ocupacional foram complementares às análises, auxiliando na interpretação dos dados.

Participaram do estudo 07 (sete) pessoas, sendo 5(cinco) homens e 2 (duas) mulheres, sendo que 90% eram proprietários da barraca, onde revendiam diferentes produtos, como carne, hortaliças e/ou frutas. Todos relataram ter iniciado a vida laboral bastante cedo, relatando que começaram a trabalhar entre 07 (sete) e 16 (dezesesseis) anos, tendo maior prevalência a idade de 8 (oito) anos (42,8%).

A maioria dos participantes era casada (57,1%) e a quantidade de filhos variou de 07(sete) a 03(três). Apenas um feirante relatou ter trabalhado anteriormente com carteira assinada e por pouco tempo, sendo também o único a ter completado o ensino médio. Em relação à escolaridade dos demais participantes, 57,1% possuem o ensino fundamental incompleto e 28,5% o ensino fundamental completo. Todos os participantes possuem apenas a feira-livre como fonte de renda familiar.

Nenhum dos entrevistados respondeu contribuir com o INSS e nenhum deles possuem menos de 10 anos atuando como feirante. Segue logo abaixo a

tabela com as informações pessoais dos feirantes, os quais foram identificados pela inicial do nome e estão em ordem em que foram entrevistados.

TABELA 1 – DADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO

	IDADE	SEXO	ESTADO CIVIL	FILHOS	ESCOLARIDADE	TEMPO INFORMAL	COMEÇOU	CARTEIRA ASSINADA
A	43	M	VIÚVO	SIM (3)	MÉDIO COMPLETO	NÃO SOUBE ESPECIFICAR	8 ANOS	SIM
B	55	F	CASADA	SIM (7)	FUNDAMENTAL INC	18 anos (de feira)	8 ANOS	NÃO
C	51	F	CASADA	SIM (4)	FUNDAMENTAL INC	36 anos (de feira)	09 ANOS	NÃO
F	54	M	SEPARADO	SIM (4)	FUNDAMENTAL C.	22 anos (de feira)	16 ANOS	NÃO
P	52	M	SEPARADO	SIM	FUNDAMENTAL INC	32 anos (de feira)	08 ANOS	NÃO
L	58	M	CASADO	SIM (3)	FUNDAMENTAL C.	24 anos (de feira)	07 ANOS	NÃO
E	32	M	CASADO	SIM(4)	FUNDAMENTAL INC	12 anos(de feira)	14 ANOS	NÃO

Através da análise quantitativa, na tabela 2, referente às médias das vivências positivas no Fator Liberdade, que representa a vivência da liberdade de pensar, organizar e possibilidade de falar sobre o trabalho, obteve-se um resultado considerado Satisfatório. Atribui-se a isso o fato da organização do trabalho proporcionar autonomia para o trabalhador.

As médias mais altas apareceram nos itens “Liberdade para usar minha criatividade” (M=5,71) e o item “Cooperação entre os colegas” com (M=5).

Sendo assim, evidencia-se que o feirante possui certa liberdade para usar o estilo pessoal, por exemplo no que se refere à montagem e disposição dos seus produtos, bem como a liberdade para falar sobre o trabalho com os colegas, além de relações de solidariedade e confiança entre os colegas para dizer aquilo que se pensa no local de trabalho.

TABELA 2 – FATOR LIBERDADE

Itens fator Liberdade	MÉDIAS
Liberdade com a chefia para negociar o que precisa	3,42
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas	3,71
Solidariedade entre os colegas	4,42
Confiança entre os colegas	4
Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho	3,42
Liberdade para usar minha criatividade	5,71
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias	3,71
Cooperação entre os colegas	5

Os resultados referentes ao fator Realização Profissional podem ser considerados moderados (M=5,71), apontando um sentimento de orgulho pela profissão desempenhada, seguido do sentimento de satisfação (M=5,57) pelas tarefas que realizam.

TABELA 3 – FATOR REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Itens fator Liberdade	MÉDIAS
Satisfação	5,57
Motivação	5,28
Orgulho pelo que faço	5,71
Bem estar	4,42
Realização Profissional	4,71
Valorização	4,42
Reconhecimento	5
Identificação com as tarefas que realizo	4,71
Gratificação	4,57

No que tange os índices do Esgotamento profissional, o esgotamento emocional demonstra preocupação dada a média alta apresentada (M=2,66), bem como o estresse (M=2,16).

TABELA 4 – FATOR ESGOTAMENTO PROFISSIONAL

Itens fator Esgotamento Profissional	MÉDIAS
Esgotamento Emocional	2,66
Estresse	2,16
Insatisfação	1,33
Sobrecarga	1,83
Frustração	1
Insegurança	1,33
Medo	1

Os itens do fator Reconhecimento (Tabela 5), demonstram resultados positivos em relação às dinâmicas de reconhecimento do seu trabalho, apresentando média 0,71 no item “*Falta de reconhecendo do meu esforço*”, sendo assim, a maioria dos entrevistados se sentem reconhecidos no desempenho de suas tarefas.

TABELA 5 –FATOR RECONHECIMENTO

Itens fator Reconhecimento	MÉDIAS
Falta de reconhecimento de meu esforço	0,71
Falta de reconhecimento de meu desempenho	1,28
Desvalorização	0,57
Indignação	0,57
Inutilidade	0,42
Desqualificação	0,85
Injustiça	1,14
Discriminação	0,71

A tabela 6 apresenta a média o desvio padrão e a variância dos fatores referentes à escala EIPST.

TABELA 6 - MÉDIA, DESVIO PADRÃO E VARIÂNCIA

DIMENSÃO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	VARIÂNCIA
LIBERDADE	4,17	0,76	0,58
REALIZAÇÃO PESSOAL	4,9	0,50	0,22
ESGOTAMENTO EMOCIONAL	1,61	0,58	0,33
RECONHECIMENTO	0,78	0,27	0,07

Importante salientar que consideramos no estudo que ambas as vivências, de prazer e sofrimento, coexistem, sendo inerentes ao ato de trabalhar. Nesse sentido, segundo Ferreira e Barros (2003) as vivências de prazer e sofrimento têm sido consideradas pela Psicodinâmica do Trabalho como um construto dialético, podendo haver preponderância de uma sobre a outra. Segue abaixo, as análises referentes às vivências.

➤ **4.1 Organização do trabalho**

No que tange a Organização do Trabalho, os resultados apontam para quatro núcleos sendo eles:

Núcleo de Sentido A: *“Pra mim, que nem eu falei... A vantagem de trabalhar na feira é assim.... Faço meio período, né?”*

Elementos identificados categoria A:

- Flexibilidade, autonomia, ausência de hierarquia;

Descrição: Os resultados das entrevistas apontaram que os feirantes percebem que a possibilidade de ter liberdade no trabalho, de ir ou não à feira, trabalhar meio período e de lá conseguir tirar todo o seu sustento como aspecto positivo.

Verbalizações:

- **Flexibilidade, autonomia e ausência de hierarquias**

➤ *“eu trabalho aqui (...) então é imediato, vai do meu desempenho, do meu comportamento, da minha atitude aqui vai ter resultado, então essa é a*

vantagem... você ter o dinheiro... preciso de tanto valor aqui, você corre atrás dele, entendeu?”

- *“se não vai na feira, realmente tem um gasto, sai da rotina... porque a gente já tem a rotina no dia a dia mesmo, né? “e aí a gente deixa de ganhar... a gente deixa de produzir e deixa de ganhar... e gasta, não tem como não gastar... então ao invés de ganhar, vou ter gasto mais”.*
- *“Pra mim, que nem eu falei... A vantagem de trabalhar na feira é assim... Faço meio período, né?”*

Núcleo de Sentido B: *“(...) então... é uma rotina muito puxada, muito pesada”*

Elementos identificados categoria B:

- Rotina de trabalho exaustiva;

Descrição: A rotina de trabalho do feirante começa cedo e é repleta de atribuições tornando-se não apenas física, mas uma rotina exaustiva psiquicamente também.

Verbalizações:

- **Rotina de trabalho exaustiva**

- ✓ *“(...) então, é uma rotina muito puxada e pesada... porque confecções, pode não parecer... mas é muito pesado, né? a gente trabalha com jeans, então é pesado... a gente monta tudo, expõe, coloca, né? verifica como é que tá a apresentação da barraca... então tem sempre muito o que fazer...”*
- ✓ *“Ah:: sinto dores... magina... primeiro que a gente pega muito peso, né? aí trabalha no sol, né? não tem jeito de não sentir dor, né? aí tem problema de coluna, né? porque desde criança a gente pega peso, né? a costa dói... não tem jeito, né? mas... sente vontade de mudar de serviço por causa disso, né? a gente pega muito peso... pega bastante peso... vai chegando a idade vai complicando pra gente, né? quando cê tá novo... que cê guenta, né? é mais puxado, mas cê guenta... vai chegando a idade, vai... complicando ((risos))”*
- ✓ *“(...) eu desperto às cinco horas, né? (...) aí chega na feira lá, a gente arma a barraca... a gente chega em torno das seis horas mais ou menos... a barraca demora mais de uma hora pra gente montar... praticamente...”*

pra montar barraca e colocar a mercadoria... É uma hora e meia pra ser mais exato..."

- ✓ *" (...) a rotina começa desde às cinco horas da manhã, cinco horas nós começa, aí vai arrumar a mercadoria e tal... Vai até... Vai... chega aqui na feira vai montar... Quando é meio dia desmontar..."*

Núcleo de Sentido C: *"Eu levanto umas quatro horas, vou ao sacolão faço minhas compra de mercadoria, aí eles me entregam... Chego aqui na feira, monto a banca, mais ou menos em torno de sete horas da manhã, tá montada já... Aí:: meio dia começa a recolher, né?"*

Elemento identificado Núcleo de sentido C:

- Horários Diferenciados de Trabalho

Descrição: Os feirantes realizam o trabalho fora do horário comercial. Dormem cedo e acordam de madrugada ainda. Relatam não ter tempo para lazer, fazendo da feira-livre uma forma de socialização.

Verbalizações:

- **Horários diferenciados de trabalho**

- ✓ *" (...) feira a gente tem que acordar cedo, né? Chegar cedo, montar barraca, desmontar... Tem que ter a prática já, né? (...) É muito complicado assim, né? Porque a feira é acordar de madrugada... Três e meia, quatro horas da manhã... Vir pra feira... Meio dia, uma hora, recolher pra ir embora... Isso é pra quem tem o dom, né? Quem não tiver o dom..."*
- ✓ *"Oh:... a gente as vezes acorda umas duas hora... Sai de casa às quatro até as cinco sai de casa, e quando é frete, é... não tem a hora certa, né? Às vezes chega mais cedo, as vezes mais tarde, a gente tem que tá pronto... Separar as coisas, tem que ajeitar tudo já pro outro dia, pra manhã que vai sair, né? Outras coisa que não estraga já a noite já põe no carro, né? Leite, verdura essas coisa assim é só de manhã, né?"*
- ✓ *"Eu acordo três horas da manhã... Eu corto as coisa, né? Repolho, moranga, eu trago tudo cortado... Aí faz as coisa que tem que fazer lá em casa, negócio de cozinha, deixa tudo arrumado. Aí, saio de lá cinco hora, quatro e meia... Vai pra feira... Aí nós sai de lá [da feira] uma hora".*

- ✓ *“Eu levanto umas quatro horas, vou ao sacolão faço minhas compra de mercadoria, aí eles me entregam... Chego aqui na feira, monto a banca, mais ou menos em torno de sete horas da manhã, tá montada já... Aí:: meio dia começa a recolher, né?”*

Núcleo de Sentido D: *“(...) não segue regra, né? tá... bagunçado o negócio”*

Elementos identificados categoria D:

- Conflito entre Trabalho Prescrito x Trabalho Real.

Descrição: Há certa disparidade frente as regras existentes e as ações realizadas na prática, no dia-a-dia dos feirantes, como por exemplo, cumprir à risca os horários de permanência na feira e os locais onde as barracas são montadas.

Verbalizações:

- **Conflito entre Trabalho Prescrito x Trabalho Real.**

- ✓ *“Por enquanto tá meio tranquilo... agora, não sei agora o ano que vem vai começar mudar... a regra assim, né... da gente... colocar assim... antigamente tinha até horário, agora a coisa tá bagunçada... a hora de chegar era até às sete não podia passar, né? agora eu acho ruim... é tarde carro tá pra lá e pra cá... então.... não tem regra, né? tá... bagunçado o negócio.”*
- ✓ *“Um dia, eu cheguei na feira... é::... tinha uma senhora no meu lugar... montou no meu lugar e como aquele dia eu me atrasei(...)aí eu chamei a fiscalização.. eu acionei ,né?(...) eu pedi que só desmontasse a barraca dela... deixasse que ela fosse na prefeitura pra justificar... como ela não soube se expressar lá... tava mal informada, achava que a feira livre dava autonomia de chegar e fazer o que bem entendesse... ela conseguiu ter o título de persona non grata na feira livre(...)”*
- ✓ *“Bom, aqui é o seguinte... Aqui nós temos é... Horário de chegada, horário de saída... As vezes não é cem por cento praticada, mas... Temos esse tipo de coisa, né? é... “*
- ✓

Discussão:

Um conceito de extrema importância para a Psicodinâmica do Trabalho, segundo Mendes (1999), é a organização do trabalho, que consiste em:

Um processo intersubjetivo, no qual se encontram envolvidos diferentes sujeitos em interação com uma dada realidade, resultando em uma dinâmica própria às situações de trabalho enquanto lugar de produção de significações psíquicas e de construção de relações sociais, (MENDES, 1999, p.40).

A categoria profissional do feirante deve ser compreendida como uma categoria heterogênea, visto que foge às estruturas convencionais de organização do trabalho. Os feirantes vivenciam a organização do trabalho de uma maneira bastante peculiar, uma vez que as atividades informais não se enquadram nos padrões tradicionais de organização do trabalho, pois os trabalhadores geralmente são donos de seu próprio negócio e participam de todas as etapas necessárias para desempenho do trabalho.

Por realizarem o planejamento e executarem as ações, possuem o controle do processo de trabalho e liberdade para desenvolvê-lo, tendo a possibilidade na sua relação com a organização do trabalho de vivenciar satisfação no seu trabalho, corroborando com os resultados da escala. Na tabela 2 referente às médias das vivências positivas no Fator Liberdade, é possível identificar que uma das médias mais altas apareceu no item “Liberdade para usar minha criatividade” (M=5,71) indicando que a possibilidade de controlar o processo de trabalho e poder lançar mão de toda sua criatividade para desenvolver seu trabalho foi um fator bastante agregador para os feirantes.

Logo, a organização é caracterizada pela flexibilidade e por oferecer certa liberdade aos trabalhadores, pois, embora tenham que seguir algumas normas e regras, a escolha e a possibilidade de ir ou não à feira é de inteira responsabilidade do próprio trabalhador, é ele quem decide em quais feiras irá, não há uma chefia que lhe faça cobranças.

Em relação às vivências positivas proporcionadas pela configuração da organização do trabalho, três fatores podem ser ressaltados, a autonomia nas tomadas de decisão, flexibilidade e ausência de hierarquias, que funcionam como um aspecto positivo para o feirante, o qual não precisa se submeter à chefias e/ou hierarquias para realizar seu trabalho. Vale ressaltar que a ausência

de hierarquias na organização do trabalho dificulta que situações de controle, de autoritarismo e assédio moral ocorram com frequência. (MORAES ET AL, 2015).

A ausência de um superior implica na inexistência nesse contexto de pressões de terceiros relacionadas à obtenção de resultados, produtividade ou para cumprimento de metas. Cabe única e exclusivamente a cada trabalhador atingir seus objetivos. Muito embora os clientes exijam um bom atendimento e produtos de qualidade, não é apreendida pelos feirantes como uma “cobrança” ou como um fator pejorativo, desagradável. Pelo contrário, eles entendem ser de grande importância manter o padrão das mercadorias e do atendimento.

No entanto, se por um lado essa organização do trabalho tem a possibilidade de promover vivências positivas ao oferecer flexibilidade e desenvolver a autonomia, por outro, evidenciou-se por meio das verbalizações, algumas dificuldades no exercício do trabalho nesse contexto.

Na região de fronteira onde foi desenvolvido o estudo, o fato da feira ser itinerante e ocorrer ao longo da semana, torna o trabalho exaustivo, pois em determinados casos é necessário montar e desmontar as barracas mais de uma vez por dia. Dos feirantes entrevistados 80% relatou não haver divisão de trabalho na sua banca, pois embora possuam pessoas que auxiliem não há uma divisão de tarefas. Em geral, eles participam de todo o processo de trabalho, o que exige habilidades psíquicas, motoras e cognitivas.

As tarefas desenvolvidas pelos feirantes requerem diferentes etapas, sendo elas: a aquisição da mercadoria; transporte da mercadoria até a feira; montagem das bancas; disposição dos produtos; a promoção da venda; a desmontagem das barracas e o retorno para casa.

Vale ressaltar que não apenas o conteúdo das tarefas, mas as jornadas de trabalho em que encontram-se submetidos são bastante desgastantes. A partir dos relatos, verifica-se que os trabalhadores não seguem o horário comercial que a maioria dos estabelecimentos de comércio e serviços cumprem.

O trabalho na feira exige que os trabalhadores acordem ainda durante a madrugada, chegando bem cedo para o trabalho, pois as feiras são realizadas preferencialmente no período matutino (somente aos sábados ocorre a noite) e os trabalhadores precisam de tempo para realizar o transporte até o local onde a feira será realizada e desenvolver as demais funções.

A jornada colabora para gerar uma sobrecarga de atribuições, pois além de realizarem um trabalho bastante árduo, possuem também os afazeres domésticos ao retornar para casa depois de um dia de trabalho. A jornada do feirante pode variar bastante, entre 08 a 10 horas por dia, para mais ou para menos, sem contar com o tempo em que se dedica para organizar as finanças pode ser mais extensa dependendo do número de dias em que o feirante comparece à feira.

Embora fique a critério do próprio feirante comparecer ou não em todas as feiras, em tempos de recessão econômica busca-se aumentar as chances de lucro, por isso os entrevistados relataram frequentar a maioria das feiras. Ou seja, a organização flexível não elimina o presenteísmo do feirante, já que caso não “faça a feira”, terá um déficit no orçamento familiar semanal, já que a grande maioria não possui outras fontes de renda.

Mediante aplicação dos instrumentos, foram identificados prejuízos não somente de ordem física como também de ordem emocional. Com base nos índices da escala, EIPST, o Esgotamento Emocional apresentou uma média considerada alta ($M=2,66$) para o item, bem como o estresse ($M=2,16$). Entende-se que os níveis de Esgotamento e de Estresse apresentados estejam relacionados à essa organização do trabalho que estão submetidos, corroborando com estudo de Nogueira e Freitas (2015), ao identificar que a atribuição de sentido vincula o estresse à sobrecarga de trabalho.

As mudanças no mundo laboral contribuíram significativamente nos últimos anos para o aumento do ritmo de trabalho, exigindo maior produtividade também na categoria profissional do feirante, que precisam estender sua jornada e concorrer com os feirantes bolivianos para garantir seu lucro.

É possível dizer que a situação frente à organização flexível possui duas faces, pois embora a ausência de chefias e permita autonomia, e contribua positivamente na realização do trabalho do feirante, garantindo certa liberdade, por outro lado o trabalhador acaba vivenciando tensões ao ter que aumentar seu ritmo de trabalho e, conseqüentemente, se sobrecarregar de tarefas, pois depende de seus esforços para garantir o sustento.

Algo fundamental relacionado à organização do trabalho que merece destaque, está relacionado às questões prescritas e ao real do trabalho.

Conforme entende a Psicodinâmica do Trabalho, as tarefas prescritas compreendem tudo aquilo que a organização do trabalho impõe aos trabalhadores. As normas prescritas para os feirantes, encontram-se no decreto 307/07, que regulamenta o funcionamento da feira-livre da região. Conforme verificado, os participantes possuem conhecimento não apenas das prescrições, mas sobretudo da lacuna existente entre o que vivenciam e o que está estabelecido.

Com base nas incursões realizadas pela feira livre, nas verbalizações dos feirantes, e corroborando com dados apurados no estudo de Espírito Santo (2015), constata-se que algumas normas e regras estabelecidas pelo decreto não são cumpridas à risca. Existem assimetrias quanto à aplicação concreta daquilo que é previsto e daquilo que realmente ocorre no dia-a-dia, o trabalho real.

Embora existam membros da Prefeitura que realizem a fiscalização, verificando cumprimento de horários de saída e chegada, locais de montagem das barracas e a sua metragem e cobrando a taxa diária, algumas situações acabam escapando a esse controle. É esperado que todos os trabalhadores possuam o registro junto à Associação dos Feirantes e à Prefeitura, o que nem sempre ocorre, visto que muitas pessoas recorrem à feira porque não encontram uma alternativa mais rápida que garanta a subsistência e pelo fato de terem a representação de que feira é local do informal.

Vale mencionar que a feira-livre em Corumbá ainda que exista seja histórica estando presente há anos na cidade, nos últimos tempos pode-se perceber sua significativa ampliação. Fato que contribuiu para que muitas pessoas recorressem às feiras-livres, foi o fechamento da Feira Bras-Bol¹ em Agosto de 2013, que refletiu na conseqüente migração de alguns trabalhadores para as feiras-livres.

¹ A Feira Bras-Bol localizava-se em Corumbá e consistia em um núcleo comercial importante para a região, agregando trabalhadores brasileiros e sobretudo de origem boliviana. Era realizada em um ponto específico, sendo caracterizada como uma espécie de “camelódromo”. Dessa forma, os feirantes não possuíam as mesmas atribuições dos trabalhadores da feira-livre, já que algumas etapas de trabalho não eram realizadas, como por exemplo, a preparação do local de trabalho, o transporte de mercadorias todos os dias, o desmontar, reembalar, etc. (CAMPOS, 2011).

No entanto, a partir da interdição, muitos daqueles que trabalhavam na Bras-Bol¹ acabaram migrando para a feira-livre, onde passaram a vender seus produtos estabelecendo concorrência comercial com aqueles já instalados anteriormente, contribuindo dessa forma para o aumento em extensão territorial das feiras itinerantes. (FERREIRA, 2013)

Existem também os feirantes por ocasião, aqueles que somente recorrem ao trabalho na feira-livre em períodos próximos a datas comemorativas, como Natal, dia dos pais, dia das mães, dia dos namorados, entre outras. Embora o regulamento não permita a presença de vendedores ambulantes, eles estão sempre presentes, comercializando bebidas (sucos e/ou refrigerantes) pequenas mercadorias e comidas e bebidas típicas, principalmente de origem boliviana.

Esses trabalhadores em geral não possuem um cadastro ou registro, mesmo que algumas vezes efetuem pagamento para fiscalização, ou seja não estão de acordo com o que é estabelecido.

Outros fatores referentes às questões previstas mas que nem sempre atendem ao que está preconizado, estão relacionados ao cumprimento de horários e aos produtos comercializados. É previsto que o horário de início da feira seja as seis horas e encerramento ao meio dia, no entanto, os horários vez ou outra são extrapolados.

No que tange os produtos comercializados, de acordo com o levantamento realizado por Pinto (2013), cerca de 51,1% das mercadorias encontradas nas feiras-livres são de origem boliviana. Ocorre que alguns produtos de origem estrangeira não têm a permissão para serem comercializados em solo brasileiro, embora sejam facilmente encontrados, como, frutas, verduras, leite, plantas, ervas medicinais, remédios e comidas. (ESPÍRITO SANTO, 2015).

Cabe dizer que a organização do trabalho não é constituída apenas pelos elementos prescritos formalmente, mas também aqueles expressos informalmente acerca das práticas e do trabalho presentes nos lócus de produção direcionando seu funcionamento (FERREIRA; MENDES, 2003). Nesse sentido, faz-se presente na feira-livre estudada a formação também de acordos tácitos entre os trabalhadores. Conforme relato de um entrevistado, os feirantes mais antigos, ocupam o centro da feira, enquanto que os novos

feirantes preenchem os extremos, estabelecendo uma forma de hierarquia naquele espaço, onde aqueles mais ao centro possuem uma espécie de “privilégio”.

Sendo assim, os feirantes vivenciam certo distanciamento entre as prescrições do trabalho e as situações que ocorrem em seu cotidiano. O trabalho prescrito desestruturado ou não estabelecido pode lhes ocasionar vivências de sofrimento no contexto laboral em que estão inseridos.

De acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, no tocante à fenda existente entre trabalho prescrito e o trabalho real temos o trabalhador como variável de ajuste pois é quem irá se deparar com determinada realidade e julgar se deve ou não seguir as regras para alcançar os resultados esperados, e se julgar se as condições de trabalho lhe oferecem suporte para executar seu trabalho. (ANJOS, 2013).

➤ 4.2 Condições de trabalho

Núcleo de sentido A: *“(...)todo dia, né? Chuva ou sol, nós tamo na área... É muito complicado assim, né? Como te falei agora, né? É pra quem gosta.”*

Elementos identificados núcleo A:

- Condições adversas de clima.

Descrição: Os trabalhadores estão inseridos em um ambiente que proporciona possíveis riscos à saúde, uma vez que sofrem com as intempéries e com a ausência de equipamentos adequados e materiais disponíveis para as realizações de suas tarefas.

Verbalizações:

- **Condições adversas de clima**

- *“(...) na hora de embora o mais pior, o sol, né? Cé tira a lona, aquele calor, cansativo... Carrega de novo aquele carro aí guenta estrada pra lá e pra cá, né? aí buraqueiro, né? A volta é mais cansativo, quando Deus abençoa que o carro não estraga, tudo beleza... e quando o carro estraga? Muitas vezes... Muitas vezes tá tão horrível a estrada que vai indo, vai indo o carro estraga, né? E aí, se você dá um jeitinho e consegue chegar em casa tudo bem, quando não consegue tem que pedir socorro,*

né? Pede alguém pra ajudar a arrumar o carro, chamar outro carro pra... Demora mais ainda, aí chega em casa já tá de noite, cansada”

- *“A desvantagem de trabalhar na feira é, assim... Quando chove, né? Quando tá chovendo, quando tá muito frio, né? Mas, a gente enfrenta assim mesmo...”*
- *“(...)todo dia, né? Chuva ou sol, nós tamo na área... É muito complicado assim, né? Como te falei agora, né? É pra quem gosta.”.*
- *“(...) tem levar em conta, por exemplo... a questão da: ... do clima da cidade... aqui seria melhor que as feira fosse realizada à noite... como acontece em Campo Grande, né?”*
- *“A desvantagem? A desvantagem [de trabalhar na feira] é só por causa do calor mesmo... desvantagem do calor (...)”*

Núcleo de sentido B: *“Como que eu vejo as condições na feira? É sofrido... Que a gente somos feirante, né? Aí as vez não tem nem um... Banheiro, não tem nada... É difícil feira”.*

Elementos identificados núcleo de sentido B:

- Falta de estrutura

Descrição: A ausência de condições básicas como um banheiro para os trabalhadores foi identificada em todas as verbalizações. Já a ausência de segurança surgiu em apenas algumas falas.

Verbalizações:

- **Falta de estrutura**
- *“(...) do resto... é vantajoso... e... precisa ter banheiro pro povo, né?”*
- *“A parte da saúde:... os banheiros... é uma reclamação de décadas:... né? Porque? Porque banheiro é vital... a gente:... a gente:... fica segurando (a urina), desenvolve muitos problemas de saúde por causa disso... a bexiga... um porção de coisa... então uma das dificuldades é esse... o banheiro que a gente pede? a gente não pede banheiro em TO-DAS as feiras... mas, pelo menos onde dá pra se fazer... como na feira de domingo e na de sexta... onde fazer esse banheiro...”*

- *“Nem dá pra falar, porque... As vez nós vamos atrás do carro pra urinar, porque não tem banheiro é só lá no bar, mas já viu, né? O bar lá como que é?”*
- *“Maior dificuldade? Como que eu digo assim... A maior dificuldade, vou falar de que começa primeiro, que é achar os lugares, né? Depois a dificuldade é a segurança mesmo, né? Que hoje em dia a gente paga particular, né?”*
- *Ah, puxa:... é uma dificuldade muito grande... a estrutura”*

Núcleo de Sentido C: *“Eu nunca pensei em ter um emprego, carteira assinada... Eu nunca pensei nisso. Hoje pelo contrário, falo para as pessoas que não venha pra cá, esse tipo de serviço aqui, não dá amparo pra você, né?”*

Elemento identificado categoria C:

- Ausência de vínculos trabalhistas formais

Descrição: No caso das atividades informais, como a do feirante, elas aglutinam práticas muito peculiares em relação aos aspectos legais/ilegais, de flexibilidade das relações de trabalho, ausência de vínculos contratuais, respaldo trabalhistas, sendo formas muito precárias de condições de trabalho.

Verbalizações:

- **Ausência de vínculos trabalhistas formais**
 - *“Eu nunca pensei em ter um emprego, carteira assinada... Eu nunca pensei nisso. Hoje pelo contrário, falo para as pessoas que não venha pra cá, esse tipo de serviço aqui, não dá amparo pra você, né?”*
 - *“Uma carteira assinada, poxa... Seria algo... Ótimo, né?”*
 - *“Isso, como falei pra você (...) Não tem outro recurso, a gente fica no resguardo só querendo recuperar, melhorar, assim que funciona. É complicado, é triste, mas é a realidade, por exemplo, nós temos duas companheiros que eu não sei como que tão, um acidentou, outro tá doente, né? E... é complicado, porque você tá num serviço autônomo, informal, você num tem amparo de nada, de nada”.*
 - *“Olha... Eu espero que ninguém ((risos)) olhe pra ser feirante... Não, não... Melhor não seguir (essa profissão de feirante)... o jovem principalmente,*

que eles procurem estudar, crescer e adquirir um emprego formal, com seus direitos, que o seu futuro esteja garantido por lei”

- *“(...) Se eu pudesse mudar pra outra coisa, eu... No momento queria, por exemplo, eu queria adquirir um lugar assim... Fixo, onde eu pudesse executar o mesmo serviço, que mexesse com esse tipo de coisa”*
- *“Olha... é... Depois de tanto tempo na feira, é... Eu gostaria sim, de sair pra um outro ramo, que em geral é o caminho natural de todos os feirantes, né? (...) Muitos amigos meus começaram na feira e depois é... foram pra um comércio estabelecido... Formal, né?”*
- *“(...) Acho que nós não somos valorizados... acho que o governo, não dá... não dá... valor... acho que poderia aposentar mais cedo, né? mais especial... na saúde das pessoas, né? é muito pesado o trabalho... a gente trabalha também na feira, é muito quente, né? tem que ter um olhar mais especial pra gente, né?”*

Discussão:

Frente ao panorama instaurado referente às novas relações de trabalho, reflexo principalmente da ascensão de políticas neoliberais e do trabalho flexível, nos deparamos com o aumento alarmante do trabalho precarizado tanto a nível mundial, quanto no contexto brasileiro. (MONTEIRO; FREITAS, 2015)

Em países da América Latina o trabalho precário é compreendido como uma ocupação que carece de proteção e direitos trabalhistas, sendo o vínculo geralmente informal ou atípico, como o temporário, *part time*, variável em termos de qualificação da mão de obra, mas que agrega grande parte de pessoas que não encontram um emprego formal por não terem a capacitação necessária para se inserir no mercado de trabalho formal. (KALLEBERG, 2009).

As consequências do trabalho informal não são apenas de ordem física, mas abrangem também a saúde mental dos trabalhadores e sua subjetividade, estando relacionadas ao estresse e ao sofrimento psíquico revelado pelos feirantes da pesquisa.

Em termos subjetivos, o crescimento do trabalho precário facilita com preceitos e técnicas gerencialistas sejam difundidos e apropriados inclusive pela categoria investigada, como a intensificação do ritmo de trabalho e

estabelecimento de metas cada vez mais inatingíveis, a exigência de ser polivalente, a necessidade de acelerar sua produção e a competir com seus colegas, causando uma cisão no coletivo e dificulta a promoção da identidade profissional, trazendo consequências à saúde mental dos feirantes. Com isso, é possível dizer que a organização do trabalho fragiliza a identidade e o corpo, pois ao exigir a exposição excessiva do trabalhador a solicitações ele se sente esgotado, em um mercado que enfraquece a segurança e saúde laboral.

Estudos realizados com a categoria profissional dos feirantes no Brasil, apontam os diferentes riscos a que os trabalhadores podem estar expostos, sendo eles de ordem física, química, biológica, ergonômica e/ou de acidentes no trabalho. (ALVES; GNOATO; MENEZES 2015; LIMA; MOTA, 2014; MORAES; ET AL,2013; MONTELOA; MARTINS; TEIXEIRA, 2011; FERREIRA ET AL, 2009).

No caso dos feirantes, o trabalho braçal é desenvolvido diariamente no carregamento de mercadorias pesadas durante a montagem e desmontagem das barracas. No que tange os movimentos repetitivos realizados pelos feirantes, em levantamento realizado por Lima e Mota (2014) sobre os fatores de risco e condições de saúde de feirantes em Feira de Santana - BA observou-se que dos 47 feirantes entrevistados, 58,7% desenvolviam uma longa e intensa jornada de trabalho, o que pode contribuir para Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e Doenças Osteomusculares Relacionada ao Trabalho (DORT), bem como estresse e fadiga.

Embora o presente estudo não tenha se proposto a averiguar a presença de patologias, é importante destacar que as condições de saúde estão intrinsicamente relacionadas às condições de trabalho, muito embora os próprios trabalhadores não estabeleçam nexos causais entre o trabalho e o adoecimento.

Ao serem indagados a respeito de sua saúde física, há relatos da presença de dores frequentes no corpo, problemas relacionados ao sono e complicações referente à pressão alta, corroborando com os achados de Moraes et al (2013), ao pesquisar acerca dos aspectos da saúde dos feirantes de feiras livres de Ananindeua (PA), concluiu que parcela significativa desta classe trabalhadora apresentava doenças como a hipertensão arterial.

Além do carregamento de peso, de executar movimentos repetitivos, de permanecer em pé por longos períodos, reter a urina também pode influenciar no acometimento de diferentes patologias. A retenção da urina por um período muito longo, pode desencadear diferentes complicações para a saúde do trabalhador, provocando infecção ou incontinência urinária e inclusive formação de pedra na bexiga. Em estudo com atendentes de telemarketing Silva et al (2012), evidenciaram que metade das trabalhadoras entrevistadas vivenciaram ao menos um episódio de infecções do trato urinário no período de um ano, em decorrência principalmente da restrição hídrica e da impossibilidade da manutenção de um fluxo de urina adequado.

Os feirantes apontam a questão da ausência de banheiros uma das suas maiores preocupações em relação à estrutura. Conforme verificado, em algumas feiras eles pagam aproximadamente o valor de R\$2,00 para utilizar o banheiro da vizinhança próxima de onde a feira está instalada, por isso alguns relataram que retêm a urina ao máximo para não efetuar o pagamento várias vezes, visto que, ao longo da feira sentem vontade de ir ao banheiro mais de uma vez.

Em relação aos riscos ambientais, os feirantes estudados estão expostos no dia-a-dia às condições adversas de clima, como altas e/ou baixas temperaturas. Na maior parte do ano, o calor é excessivo na região, sendo unânime a queixa frente às elevadas temperaturas, o que agrava a situação é que a maioria não faz uso diário de EPIS (equipamentos de proteção individual) durante o exercício de sua atividade. O uso de protetor solar, bonés/chapéus para se protegerem é esporádico e a barraca acaba funcionando como um artifício para proteção do sol. Sendo assim, a exposição às intempéries também é considerada um fator de risco para a saúde do feirante.

A falta de segurança nas feiras também foi um ponto identificado nas entrevistas, embora não tenha sido relatado por todos os participantes, mas por uma parcela deles, roubos e furtos ao entorno de onde a feira é realizada não é incomum, o que prejudica os negócios. A preocupação em relação à violência se estende principalmente à feira de sábado à noite, já que o bairro é considerado perigoso, com ruas escuras e quedas de energia constantes, dada a precária estrutura da fiação elétrica.

A inserção neste contexto laboral é atribuída pelos feirantes, ao fato de possuírem uma baixa escolaridade (dos sete participantes apenas um concluiu o ensino médio), corroborando com Oliveira e Iliart (2009), quando afirmam que os indivíduos incluídos em situações informais de trabalho, possuem em grande parte, menor escolaridade e baixa qualificação profissional. De acordo com os entrevistados, trabalhar como feirante não foi uma escolha propriamente dita, mas ocorreu por conta principalmente da falta de oportunidades.

A feira-livre insere-se no que Santos (1979) define como circuito inferior da economia, onde enquadram-se pessoas que se beneficiam parcialmente, ou não se beneficiam do recente progresso técnico e das vantagens a ele atrelados, e que por falta de qualificação profissional, não conseguem se inserir no circuito superior, relacionado à modernização e às atividades desenvolvidas para servir ao progresso tecnológico e à população que dele se beneficia. (SANTOS, 2005)

Dessa forma, o trabalho na feira surge como uma maneira do indivíduo se manter no mercado de trabalho ainda que não haja qualquer respaldo trabalhista, que não lhes seja garantido contratos ou vínculo empregatício, ainda que careça de proteção legal.

Algo a se destacar, relaciona-se ao fato dos feirantes não percebem como uma situação temporária a submissão às condições informais de trabalho, não percebem como temporário o trabalho na feira, pelo contrário, o trabalho na feira-livre é compreendido como uma função duradoura. Os dados levantados pelo estudo revelam que os trabalhadores estão submetidos a esse tipo de labor há um tempo considerável. O feirante com menos tempo de inserção na feira, trabalha há doze anos e o feirante com maior tempo de trabalho trinta e seis anos. Em uma das falas é expressa a baixa expectativa em trocar de emprego, compreendendo o trabalho na feira como permanente: *“Como falei né... A gente vive disso... E acho que vai morrer disso, né?”*

O sujeito é induzido a se inserir em um trabalho precário em detrimento de não vivenciar o desemprego. Os efeitos da precarização do trabalho são vivenciados cotidianamente neste contexto, sob a forma de incerteza e insegurança perante o futuro e quanto a ausência de vínculos contratuais de trabalho. (DEJOURS, 2008),

➤ 4.3 Relações Sociolaborais

Categoria 1: “(...) Então muitas vezes... vem um número desenfreado desse tipo de concorrência que causa um desconforto pra nós...”

Elementos identificados categoria 1:

Relações entre brasileiros x bolivianos, relações de poder;

Descrição: As relações sociolaborais, por sua vez, abrangem as relações mantidas entre a equipe, os superiores, os colegas de trabalho, as relações externas, como os clientes e fornecedores (BUENO; MACEDO, 2010).

Verbalizações:

Verbalizações:

- (...)os brasileiros a gestão cobra tudo... se você vai vender... colocar uma banca de salgado lá, vai vim a vigilância sanitária em cima de você, vai vir a saúde pública... Vai vir meio mundo e exigir uma pá de certificados de você e pra eles não é exigido nada.(...) Os cara [bolivianos] atravessam a fronteira com os salgados já confeccionados pra vender aqui, já prontos... com a comida pronta e ninguém fiscaliza(...) A gente pra ter uma barraca tem que pagar o tributo, tem que pagar o tributo mensal e eles não, eles vem, vão embora e não pagam nada”
- “(...) Eu acho errado só deles[bolivianos] é o negócio do imposto, né? Que a gente paga e eles não paga... Aí entra a torto e a direita aqui de caminhão pela federal entra...Caminhão, um monte de mercadoria, eles não paga nada... Aqui a gente traz, paga... Pra nós lá, paga... Aí eles não paga nada, isso que eu acho errado, todo mundo tem que pagar, né? Que a gente trabalha igual”
- “Olha... na verdade, na verdade... a única coisa que eu... eu não concordo é porque... como eu disse à você, né? nós contribui aqui, nós pagamo nossos impostos e tudo que nós paga água, nossa luz é cara, então muitas vezes... vem um número desenfreado desse tipo de concorrência que causa um desconforto pra nós, porque tira até o direito de... por exemplo... eu tenho um companheiro aqui que eles trabalham também há muito tempo, não moram aqui, mas trabalham há muito tempo, então entre outras pessoa e vem fazer uma concorrência desleal com quem já tá aqui, pagando tudo certinho aqui então... é::... não é favorável”

- *“(...) então, pra mim... eu não acredito que o problema seja a fronteira em si... falta gestão séria, né?”*
- *“Olha... eu... por exemplo... meus pais eram bolivianos, são falecidos, né? é... viver em fronteira é interessante... no meu caso eu não vejo assim... vantagem, não vejo, mas vejo que outras pessoas tiram vantagem, por exemplo, quem mora na Bolívia, lá o custo de vida lá é mais barato...”*
- *“É... Porque... Apesar que muita coisa vem de lá pra cá né? Mas... tem que contentar com isso mesmo... Fronteira é uma coisa que a gente vê... Como se diz, assim? Porque Corumbá é muito falado por aí, né? Que a fronteira que traz muita coisa pra cá, mas...”*
- *Ah: isso que eu tô falando, né? Muito difícil, porque entra muita mercadoria que não é... Não tem imposto e a gente sofre muito porque a gente paga, eles num paga... É duro.*
- *“ [Os produtos bolivianos] Faz competição, né? muitas vezes colocam mais barato... agora, agora... tá... já tá mais ou menos equilibrado, porque tá muito caro(...)”*

Núcleo de sentido 2: *“Convívio da gente permite, é... Laços de afetividade, de carinho, mesmo, né? Então, a gente é... se visita, se alegra junto, chora junto, né?”*

Elemento identificado núcleo 2:

Relações de confiança e amizade entre pares e clientes

Descrição: A partir das verbalizações foi possível perceber a maneira como ocorre o convívio na feira, sendo remetida à uma espécie de família, em decorrência do contato mantido diariamente.

Verbalizações:

- *“Olha, trabalhar na feira é... é um trabalho muito sacrificado mas ao mesmo tempo é prazeroso porque ainda que ela seja bem assim... Cosmopolita, né? A feira seja bem diversificada e gente de vários lugares, vários países, a feira a gente se vê como uma família, né? Uma grande família”*
- *“Mas pra mim é bom, né? Pra mim é bom... Você tem conhecimento... você sai na rua todo mundo te conhece “Ah, fulano... Lá da feira, compro*

com ele há tanto tempo". Então a gente fica bastante conhecido na cidade, eu acho bom, né?"

- *"Bom, eu gosto muito da feira porque além de um trabalho que a gente[...] Eu gosto muito e a gente... Mas também faz muita amizade, né?"*
- *"Convívio da gente permite, é... Laços de afetividade, de carinho, mesmo, né? Então, a gente é... se visita, se alegra junto, chora junto, né"*
- *"Muito boa, com todos. Respeito, são amigos... Muito boa mesmo... Nós todos somos amigos, né? Num tem, assim... Diferença nenhuma"*
- *Eu dou bem... me dou muito bem.. Meus vizinhos de banca... um troca dinheiro pro outro... outro empresta do outro ali... a gente tem aquela dificuldade também de troco, né? aí um troca pro outro, empresta... e... é muito bom... é... a gente se torna uma família aqui na feira... por isso a gente gosta aqui da feira... porque a gente não tem tempo de passear... então a gente tá trabalhando e tá passeando ao mesmo tempo... quando a gente não vem, ou falta também... fala assim: "AH, a senhora não veio, a senhora fez falta, né?" Então a gente se sente importante... tem carinho. Se sente importante né?*

Discussão:

No que tange as relações existentes entre os feirantes e seus pares no contexto do trabalho da feira-livre, duas principais e interessantes questões foram evidenciadas. A primeira questão está relacionada ao sentimento de injustiça demonstrado pelos entrevistados por conta da concorrência considerada desleal do feirante boliviano.

Os brasileiros afirmam sentirem-se lesados pelo fato dos preços dos feirantes bolivianos serem mais baixos, uma vez que não há impostos sobre a mercadoria. Conteúdos muito similares às tais verbalizações também foram evidenciadas na pesquisa de Espírito Santo (2014) nesta mesma região.

Foi possível verificar, que embora haja fiscalização, ainda existem irregularidades, tanto em relação ao estabelecimento na feira livre e pagamento de tributos quanto à mercadoria e a própria situação do imigrante. Essa situação,

acaba contribuindo para gerar um clima, muitas vezes hostil no cotidiano da feira entre os trabalhadores.

A segunda questão está relacionada ao arranjo estabelecido hierarquicamente entre as nacionalidades. Percebe-se o estabelecimento de sistemas simbólicos de poder exercidos pelos brasileiros sobre os bolivianos, uma relação simbólica de superioridade versus inferioridade, presente nas práticas e no discurso de uma parcela da comunidade corumbaense (COSTA, 2015).

Por exemplo, é comum, o uso por brasileiros de expressões como “os do outro lado” ou “lá na fronteira”, desconsiderando completamente que o lado brasileiro também configura-se fronteira e atribuindo ao boliviano o status de fronteiriço, retirando-se dessa condição. Faz-se questão de estabelecer um distanciamento, frisar que a fronteira é lá, fronteiriços são eles. Conforme explicitado por Costa (2015):

Nessa situação de interdependência entre essas cidades, há uma negação histórica da condição de cidade fronteiriça por parte dos moradores de Corumbá, resumida na frase: "a fronteira é lá, e não aqui". Os corumbaenses associam a fronteira à Bolívia e a identidade de fronteiriços apenas aos bolivianos. (COSTA, 2015, p.40).

Uma parte da população brasileira residente em Corumbá percebe a fronteira de ambas formas: potencial fornecedora de mão de obra barata e desqualificada; e enquanto espaço para a realização de compras de produtos importados, diante do custo benefício (de acordo com o preço do dólar). Por isso, alguns setores sociais corumbaenses não vivenciam e não estabelecem com a fronteira nenhum tipo de relação de identidade, pessoal ou coletiva. (COSTA, 2010)

A imagem associada à fronteira e ao fronteiriço está carregada de características distorcidas, preconceituosas e pejorativas. A representação insultuosa do aspecto fronteira é construída e inflamada também pelo apelo midiático, o qual reporta e reduz as questões fronteiriças a local do ilegal, do ilícito, do contrabando, denotando ao espaço e a quem ali vive um aspecto depreciativo.

Para entender a percepção dos brasileiros acerca dos bolivianos na feira, é preciso compreender que ela se pauta em relações de poder estabelecidas nessa fronteira. Para Hissa (2002), traçar discussões acerca de limites e fronteiras nos conduz sobremaneira a discutir relações de poder.

É facilmente percebido nessa região que a presença dos bolivianos é suportada, tolerada (SILVA, 2004), muito embora a história da cidade de Corumbá se entrelace com a presença e a permanência de diferentes estrangeiros na região. Machado e Júnior (2010), apontam dentre outros fatores, presentes nas dinâmicas sociais fronteiriças, o preconceito e a solidariedade como elementos com suas raízes nas relações históricas desiguais entre os países.

Em relação ao preconceito, apesar de haver uma miscigenação entre os povos a ponto de se tornarem híbridos, sua manifestação é bastante vibrante, ainda que ocorra de maneira sutil. O estigma social sobre os bolivianos nesse contexto possui viés duplo, pois se refere à sua nacionalidade e à sua etnia, visto que na fronteira estudada, prevalecem bolivianos de origem indígena, os Aymara ou nos Quéchua (do altiplano), além dos Kambas e dos Chiquitanos, das terras baixas. (COSTA, 2015, p.38).

Apesar de não haver fronteiras físicas, as fronteiras éticas ainda estão presentes, organizando o teor das interações mantida nessa região. (BARTH; 2000). A identidade cultural e a discriminação étnica, são consideradas por Cortés (2014) como elementos dinâmicos que reestruturam relações de poder. Dessa forma, a transnacionalização compreendida como um processo que ultrapassa as fronteiras nacionais, acarreta diferentes contatos multiétnicos em um mesmo território. Sendo assim, os mosaicos de convivências desencadeiam diferentes tensões e conflitos conforme evidenciado no levantamento do estudo. (CORTÉS, 2014).

Partindo do pressuposto de que o feirante brasileiro sente-se injustiçado pela concorrência desleal (de acordo com os entrevistados) dos feirantes bolivianos (principalmente), conclui-se que o estabelecimento de relações laborais na feira-livre possui certas doses de conflitos, em grande parte pelo preconceito, construído e reiterado a partir das desigualdades históricas entre os

países, considerando que a questão da nacionalidade é um outro fator que irá estampar as relações hierárquicas de poder estabelecidas.

Considerando tais fatores, o desencadeamento de sofrimento nesse contexto laboral pode ser analisado por dois diferentes segmentos. Por um lado, deve-se considerar que participaram do estudo somente feirantes brasileiros, os quais relataram se sentirem incomodados por conta da concorrência entendida como desleal. Por outro lado, temos o feirante boliviano que possivelmente podem vivenciar sofrimento em decorrência não apenas dos fatores abordados acima, como também por atravessamentos de questões raciais e econômicas, não abordadas na presente pesquisa, mas que merecem destaque e relevância em próximas investigações.

➤ 4.4 Estratégias de Defesa

Núcleo de Sentido A: *“Porque a feira é pra quem tem o dom, né? Quem não tiver o dom....”*

Elemento identificado:

- Racionalização

Descrição: Os participantes constroem uma espécie de justificativa para permanecer nesse trabalho ao afirmarem o quão é necessário amar a profissão possui um dom para trabalhar nesse contexto.

Verbalizações:

- ✓ *“Porque a feira é pra quem tem o dom, né? Quem não tiver o dom...”*
- ✓ *“(...) é muito complicado assim, né? Como te falei agora, né? É pra quem gosta...”*
- ✓ *“Ah, tem que ter paciência, né? Deixa pro outro dia, outro dia tá trabalhando de novo, né? Um dia que a gente perde às vezes num.... Tem que perder mesmo. Tem dia que a gente não tá bem pra trabalhar mesmo, né?”*
- ✓ *“Trabalhar na feira... Olha... É pra mim, eu falo... É um dom, é um dom.. Você trabalhar com vendas, você tá aqui diante de vários tipos de pessoas, cada um é cada um então... É.... meu caso... eu costumo dizer eu faço da feira como qualquer um faz na sua área, como o advogado faz*

em seu escritório, tudo uso a habilidade de poder executar da melhor maneira possível que agrada as pessoas. “

- ✓ *“Só com alguns fregueses, né? Que é meio... ((mal humorado)) Mas, tirando isso aí a gente como vendedor, a gente tem que saber lidar com isso, né?”*
- ✓ *“(...) o dia mais difícil para o feirante, é o dia que não tem feira... porque SE tiver feira e o feirante não for, por um motivo ou outro... é impressionante, mas ele sai pra fazer qualquer coisa... quando assusta, ele tá lá no meio da feira de novo”*
- ✓ *“Ah... pra ser um bom feirante, você... eu costumo falar o que eu ouvi falar e eu uso pra mim, assim, oh...você tem que amar as coisas que você quer fazer, que você entra, se você não amar não adianta cê tá num bom lugar, um bom emprego se você não ama, tem que amar, tem que gostar memo”*

Núcleo de Sentido B: *“A gente vive disso, e acho que vai morrer disso, né?”*

Elemento identificado:

- Conformismo

Descrição: Os entrevistados relatam que se inseriram na feira-livre por falta de escolha, em decorrência principalmente da baixa escolaridade e se habituaram, se acostumaram a exercer esse tipo de atividade.

Verbalizações:

- ✓ *“Bom, é tudo tempo de costume, né? Tá no costume já, a gente tá acostumado, né?”*
- ✓ *“A gente tá acostumado já... naquela rotina... é.. Conversa e dá risada... ((risos))”*
- ✓ *“A gente vive disso, e acho que vai morrer disso, né?”*
- ✓ *“(...) eu sempre pensei... vamos lutar pra ver se o pessoal sai desse sufoco, essa dificuldade que a gente tem, né? melhorar nossa situação... mas, depois de vinte anos, a gente já... ((risos)) é um sonho quase impossível... né?”*

- ✓ *“mas as vezes a gente se amarra e fica acomodado num... nesse horário de trabalho e já trabalha e o resto do expediente podia aproveitar pra fazer uma coisa que poderia melhorar a minha situação amanhã, então muitas vezes a gente não pensa nisso, você se acomoda nesse tipo de, de ambiente... fica acomodado naquela renda ali e as vezes não tá nem cobrindo as despesas... tá acomodado...”*

Núcleo de Sentido C: *“Ah, a gente conversa... A gente, né? Brinca... E vai indo, né? ((risos))”*

Elemento identificado:

- Uso de brincadeiras e bom humor.

Descrição: Identificou-se que os feirantes encontram nas brincadeiras, uma maneira de mascarar o sofrimento vivenciado. Brincam com usuários e entre os pares para conseguir dar conta dos diferentes obstáculos do dia-a-dia. Da mesma forma não mantém o bom humor apenas para garantir um bom atendimento, ele acaba sendo uma válvula de escape frente as vivências negativas.

Verbalizações:

- ✓ *“Ah, a gente conversa... A gente, né? Brinca... E vai indo, né? ((risos))”*
- ✓ *“Bom... tem que ser sempre assim... Brincar, tratar bem os fregueses.”*
- ✓ *“É que nós somos bem, é.. Comunicativo, né? A gente brinca com os cliente, né? E o pessoal gosta, o pessoal mal humorado se sente bem humorado, né? Esse é o principal, porque a cara da gente é a cara da empresa.”*
- ✓ *“(...) eu gosto sempre de... é: ... com alegria, sorrindo, né? acho importante atender bem o freguês... alegre, contente... (...) a gente tem dificuldade, mas...”*
- ✓ *“A gente tá acostumado já... naquela rotina... é.. Conversa e dá risada... parece que... faz parte da família da gente, né? ((risos))”*
- ✓ *“(...) pega a gente e brinca, né? com os freguês mesmo...”*
- ✓ *“A gente conversa, a gente brinca, não é só pegar e vender também... É conhecer um pouco o freguês que a gente tem, né?”*

Discussão:

Mesmo submetidos a um contexto de trabalho caracterizado por atividades desenvolvidas na rua o que os deixa em uma situação de vulnerabilidade à intemperes, criminalidade e por relações socioprofissionais que em algumas vezes pode se torna conflituosa, além da informalidade e consequente ausência de direitos trabalhistas e garantias sociais, os feirantes apresentaram o uso de algumas estratégias para lidar com essa realidade e manter o equilíbrio psíquico. Garantir a sobrevivência é um fator que o mobiliza consideravelmente, instigando-o a enfrentar o sofrimento diante das condições de trabalho precárias.

Frente a tais fatores, os feirantes encontram possibilidade de transformar o sofrimento já que a organização do trabalho possibilita que utilizem sua criatividade e inteligência prática. A utilização dessas estratégias de defesa propicia proteção do sofrimento e a manutenção do equilíbrio psíquico por possibilitar o enfrentamento e a eufemização das situações causadoras do sofrimento (DEJOURS, 1987).

Como estratégias defensivas usadas pelos feirantes diante do desenvolvimento do labor e do sofrimento vivenciado na feira-livre, foi possível identificar mecanismos psicológicos individuais que merecem destaque.

Os trabalhadores lançam mão da racionalização perante as adversidades laborais, para buscar justificar sua permanência em uma organização de trabalho potencialmente adoecedora e fazem isso naturalizando seu saber/fazer: *“É um dom..”* ou *“É pra quem gosta”*. A aplicação desse recurso inconsciente é usada para minimizar o sofrimento, em especial no momento da venda ao ter contato com os fregueses, visto que no discurso dos feirantes eles justificam que, por terem o dom, paciência e por gostar muito do trabalho, conseguem exercer aquela função. Contudo, o fato de utilizarem o mecanismo de defesa da racionalização indica que os feirantes permanecem inertes diante das dificuldades, não buscando ou não encontrando maneiras de modificar o que consideram um fator negativo na organização do trabalho. O uso da racionalização foi evidenciando em outros estudos também com trabalhadores informais (CARVALHO, 2015; MORRONE, 2010).

Apesar de certa forma instaurar uma proteção ao psiquismo do trabalhador, acaba induzindo-o a apresentar uma postura de conformidade frente às adversidades da organização. (MORAES, 2011).

Algumas verbalizações demonstram que os feirantes se habituaram às condições desfavoráveis e incômodas com pouco questionamento. Podemos relacionar isso há um certo receio de sofrer retaliações, pois uma vez que reivindicarem por melhorias, podem tornar-se alvos de perseguição, como por exemplo, serem retirados da feira ou aqueles que estão atrasados com seus tributos serem cobrados e não ter condições financeiras de pagar.

Até mesmo durante o percurso da pesquisa, foi possível identificar certa resistência dos trabalhadores, muitos inclusive recusaram participar do estudo, pois imaginavam que estava relacionado a alguma investigação realizada pelo poder público. Durante a realização da entrevista sentiam receio em verbalizar muitos detalhes acerca do seu contexto de trabalho, o que nos induz a afirmar que a resistência poderia estar atrelada ao temor de sofrer algum tipo de consequência, ou prejudicar aos outros, até porque, a grande maioria dos trabalhadores são de origem boliviana, o que implica em falarmos de questões relacionadas à sua documentação legal/ilegal e da documentação da sua mercadoria.

Pode-se afirmar, que a precarização do trabalho atrelado ao conceito de gerenciamento por ameaça influencia os trabalhadores a manterem-se em silêncio perante tal realidade de trabalho (DEJOURS, 1999). Nas falas observa-se que os feirantes se acostumaram a essas situações e encontram-se conformados frente a elas.

Já a estratégia de compensação utilizada está relacionada ao brincar e ao bom humor no desenvolvimento do trabalho, que além de garantir que a freguesia seja bem atendida também surge como uma forma de lidar com o real. Os feirantes encontram nesse mecanismo uma chance de driblar as dificuldades impostas pela realidade, desenvolvendo seu trabalho sem se descompensar.

Essas estratégias funcionam para esquivar o trabalhador de tomar consciência da sua vivência de sofrimento e ajuda a mantê-lo em seu posto de trabalho. Consiste em um dispositivo para mantê-lo inerte à possíveis mudanças

e transformações em seu contexto, uma vez que não promovem a emancipação dos trabalhadores. Conforme aponta, MORAES(2013):

Dessa forma, há o risco de que as estratégias de defesa construam um ciclo que, no longo prazo, conduza ao agravamento do sofrimento e ao adoecimento que pretendiam evitar: o sofrimento conduz à elaboração de estratégias defensivas, que apresentam o risco de alienação; esse favorece a situação que desencadeia o sofrimento, agravando-o, o que aumenta o risco de desencadear uma crise de identidade e um quadro de descompensação, que sinaliza o esgotamento da eficácia da estratégia de defesa. (MORAES, 2013)

Deve-se, portanto, lembrar que o uso das estratégias defensivas, serve de alerta uma vez que os feirantes nesse contexto vivenciam situações em que há sofrimento psíquico.

➤ 4.5 Mobilização Subjetiva

Núcleo de Sentido A: “Dão... eles reconhecem sim... dão valor...”

Elementos identificados:

- Reconhecimento e valorização.
- Solidariedade.

Descrição: Na maioria da fala dos feirantes, evidencia-se o sentimento de gratificação em decorrência da procura dos fregueses pela sua mercadoria. Eles buscam manter relações baseadas na cooperação e solidariedade entre os pares e mobilizam-se via dinâmica de reconhecimento.

Verbalizações:

- ✓ *“Olha, trabalhar na feira é quase que uma, é uma cultura né, é uma cultura... é um trabalho muito sacrificado mas ao mesmo tempo é prazeroso porque ainda que ela seja bem assim... Cosmopolita, né? A feira seja bem diversificada e gente de vários lugares, vários países, a feira a gente se vê como uma família, né? uma grande família”*
- ✓ *Mais assim... eu acho que... mais pela amizade, também né? a gente quando não vem, fala... nossa... é tão bom quando a gente vai... a gente distrai, e quando a gente não vai parece que a semana não passa, né? porque tá acostumado já... naquela rotina... é.. conversa e dá risada... parece que... faz parte da família da gente, né? ((risos))*

- ✓ *“Mas pra mim é bom, né? Pra mim é bom... Você tem conhecimento... Você não depende só da feira, você sai na rua todo mundo te conhece "Ah, fulano... Lá da feira, compro com ele há tanto tempo". Então a gente fica bastante conhecido na cidade, eu acho bom, né? “*
- ✓ *“Eu considero o trabalho importante para a cidade, tem uma boa freguesia... O pessoal gosta muito de comprar o produto da gente”*
- ✓ *E pra você ter uma ideia, aqui eu... Esse ambiente aqui, eu aqui, eu faço desse lugar não só meu ganha pão, mas um modo de também você ficar, assim... Tipo assim... é... Quando a pessoa abre o coração aqui, ou algo particular, vou te falar a verdade pro cê, me incomoda e eu quero ajudar.*
- ✓ *“Eu dou bem... me dou muito bem.. meus vizinhos de banca... um troca dinheiro pro outro... outro empresta do outro ali... a gente tem aquela dificuldade também de troco, né? aí um troca pro outro, empresta... e... é muito bom... é... a gente se torna uma família aqui na feira... por isso a gente gosta aqui da feira... porque a gente não tem tempo de passear... então a gente tá trabalhando e tá passeando ao mesmo tempo... quando a gente não vem, ou falta também... fala assim: "AH, a senhora não veio, a senhora fez falta, né?" então a gente se sente importante... tem carinho.. se sente importante né?”*
- ✓ *“(...) nós temos que valorizar o direito deles de quem vem prestigiar a gente, comprar de nós, que nós tamo aqui... O pessoal larga sua casa pode ir no mercado onde tá tudo refrigerado e vem pro sol aqui, comprando, favorecendo a gente, então tratar assim... com agressividade, não pode, né?”*

Discussão:

Conforme mencionado na seção anterior acerca da Psicodinâmica do Trabalho, a mobilização subjetiva consiste em um conceito fundamental para compreensão de como os indivíduos sem mantem em seu posto de trabalho.

Sendo assim, ela pode ser definida como os modos de engajamento do indivíduo no trabalho que viabiliza suas capacidades de sentir, pensar e inventar para que possa realizar suas funções. Em outras palavras, consiste no movimento realizado pelos trabalhadores, em sua maioria saudáveis

psicologicamente, em prol de angariar soluções para os problemas que surgem em seu trabalho. Ainda que a mobilização subjetiva ocorra de maneira espontânea, ela é frágil (FERREIRA, 2010; DEJOURS, 2011), já que encontra-se envolta na dinâmica contribuição-retribuição, uma vez que ao contribuir para o aperfeiçoamento da organização de trabalho o indivíduo espera uma retribuição simbólica em forma de reconhecimento.

Duarte e Mendes (2013) entendem que a mobilização subjetiva permite que o trabalhador resgate o sentido do trabalho resignificando o sofrimento. O reconhecimento simbólico nesse contexto contribui para que o feirante consiga transformar seu sofrimento em prazer.

As vivências de prazer no trabalho, apreendidas pelos participantes da pesquisa, giravam em torno do reconhecimento dos colegas e clientes e da sua contribuição para com a sociedade. Nas entrevistas os feirantes relataram o quão lhes é gratificante a valorização do seu trabalho pela sociedade e pela sua clientela. Dessa forma, sentem prestigiados pelo seu fazer, pela qualidade de seus produtos e atendimento. Sentem, que são reconhecidos socialmente, promovendo no indivíduo o sentimento de gratificação.

Sendo assim, essa dinâmica de reconhecimento possui caráter de extrema importância no processo de formação da identidade do sujeito no campo social e na construção da identidade coletiva dos trabalhadores, constituindo um dos fatores para acionar a mobilização subjetiva diante das realidades impostas pelas situações do trabalho e fomentar a cooperação para dar conta de tais situações (MORAES; ROSAS, 2011).

Quando o reconhecimento não ocorre, o trabalhador não encontra sentido no seu trabalho. Essa desvalorização pode gerar uma dinâmica patogênica de descompensação psíquica ou somática (DEJOURS; ABDOUCHELLI, 2011).

As vivências de prazer apresentadas pelos feirantes do estudo estavam relacionadas não apenas ao quesito reconhecimento, como também ao sentimento de orgulho em relação ao exercício da profissão, alegria e satisfação em realizar aquilo que gosta, pela autonomia nas tomadas de decisões, conforme evidenciado nos resultados da escala EIPST. De acordo com Dejours (2007, p. 97):

Quando a dinâmica do reconhecimento funciona, o sujeito se beneficia de uma retribuição simbólica que podem inscrever-se

no âmbito da realização do ego, no campo social. (DEJOURS, 2007, p. 97)

Corroborando com este elemento, pesquisa realizada na área da Geografia, por Lelis et al (s/d), apresenta a feira-livre como um espaço simbólico utilizada pelos feirantes e usuários para obter reconhecimento individual e social, na feira pesquisada os feirantes encontravam satisfação via reprodução social.

A cooperação e a inteligência prática são elementos importantes presentes na dinâmica da mobilização subjetiva uma vez que visam a transformação do sofrimento em prazer. A cooperação relaciona-se com a vontade conjunta de superar as contradições da organização do trabalho, mas para que ocorra, é imprescindível que haja o surgimento espontâneo de relações de confiança entre os trabalhadores. (DEJOURS, 2008, p.69).

A solidariedade no trabalho também se dá através do reconhecimento do trabalho, sendo assim, diante dos dados da escala o item “Cooperação entre os colegas” (M=5) “Solidariedade entre os colegas” (M =4,42) e “Confiança entre os colegas” (M=4), nos indicam que o contexto laboral permite que os feirantes alicercem sua identidade e pelo reconhecimento e relação estabelecida entre os pares. Importante dizer que quando não há a presença desse reconhecimento do outro, os trabalhadores vivenciam o silêncio, o isolamento e a desestruturação do coletivo. (DEJOURS, 2011).

Para que se consiga ultrapassar a distância entre o trabalho prescrito e o real, o trabalhador precisa mobilizar sua inteligência prática (inteligência do corpo) resolvendo os imprevistos e construindo adaptações na prescrição de suas tarefas. O funcionamento da mobilização subjetiva preconiza sobretudo subverter as necessidades do trabalho para dar conta de atender de maneira eficaz os objetivos. (DEJOURS & ABOUDCHELI, 2011, p. 133).

Foi possível apreender que os feirantes, dada a flexibilidade da organização, conseguem desenvolver sua inteligência prática ao elaborar ideias acerca das possibilidades de arbitrar sobre as contradições da organização, buscando alternativas para as dificuldades vivenciadas. Possui dessa forma um engajamento interno para resolver os problemas que surgem no dia-a-dia.

O predomínio de indicadores de prazer indica que os feirantes vivenciam um processo de ajustamento da sua energia psíquica. O trabalho nesse contexto

é apreendido enquanto uma atividade que norteia a vida ajudando a estabelecer uma nova relação com a realidade, possibilitando a formação de vínculos entre as pessoas e maior inserção social, constituindo aspecto importante da subjetividade. (DEJOURS, 2004).

Apesar das dificuldades abordadas no item acima em relação ao estabelecimento de uma relação saudável socioprofissionalmente mantida principalmente a partir das relações de poder, outros fatores vão de encontro a tais vivências.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a solidariedade no ambiente laboral é bastante rara frente ao cenário mundial em que preconiza-se a individualização e concorrência generalizada entre pessoas, equipes, serviços. A carência de solidariedade nos diferentes contextos de trabalho afeta as relações que podem promover a cooperação e o reconhecimento no trabalho. (GHIZONI; OLIVEIRA; CANÇADO, 2012). Inclusive as principais formas de adoecimento atualmente estão sendo denominadas de patologia da solidão em decorrência da falta de solidariedade, cooperação e cuidado com o outro. (DEJOURS, 2004).

Situação que não encontramos no no contexto da feira-livre entre os feirantes e seus pares, pelo contrário, estão presentes a manutenção de relações estreitas, no que tange à solidariedade. Nos momentos, em que é preciso realizar a troca de dinheiro para garantir o troco ao cliente, ou ainda quando precisam se ausentar por algum motivo da sua barraca deixando seus negócios sob cuidado do seu vizinho de banca. A verbalização abaixo explicita essa categoria:

Feirantes e clientes acabam estabelecendo relações de amizade e confiança no dia-a-dia da feira. Como cada dia da semana estão em um ponto da cidade, os feirantes acabam conhecendo muitas pessoas e adquirindo uma vasta clientela, diga-se de passagem, fiel clientela. Nos relatos dos participantes é possível perceber o quanto se sentem extremamente reconhecidos pelo trabalho que desenvolvem. Conforme expresso na fala abaixo:

“(...) muitas vezes quando a gente não vem numa feira, os próprios fregueses da gente quando a gente vem na feira de novo, na próxima semana, reclama por que que a gente não veio ((risos)). Então é isso... eu acho importante sim”

Por exemplo, quando os clientes verbalizam o quanto sentiram a falta do feirante em determinado dia que tenha faltado, demonstrando preocupação não apenas em relação à mercadoria, mas em relação à figura do trabalhador que sente-se importante. Muitos participantes se referem às relações mantida na feira como “*uma grande família*” que oportunizam manter “*laços de afetividade*”, ingrediente que se mostrou essencial para a promoção da saúde mental desses trabalhadores.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a compreender os processos psicodinâmicos de prazer e sofrimento de feirantes.

Importante mencionar que como a OT é repleta de contradições, e nos modos operatórios reais as interpretações do trabalho produzem ao mesmo tempo, vivências de prazer e sofrimento essas vivências coexistem e encontram-se em uma linha muito tênue. (DEJOURS, 2004). Como em todo contexto de trabalho, no caso da feira-livre estudada, dadas as características das dimensões do seu contexto laboral (organização, condição e relações socioprofissionais) sofrer será inevitável, visto que o destino desse sofrimento depende de como a organização do trabalho determina, limita ou possibilita modos de agir no âmbito laboral.

De acordo com os resultados, evidencia-se um processo dinâmico e dialético entre as vivências de prazer e sofrimento, com o predomínio de vivências de sofrimento criativo, ou seja, os feirantes se mobilizam subjetivamente para lidar com o real, incluindo condições de trabalho insuficientes, organização de trabalho com ritmo e horários exaustivos e relações sociais que exigem lidar com injustiças percebidas.

Ressalta-se que, para a Psicodinâmica do Trabalho a saúde está na busca pela integridade física, psíquica e social pelos trabalhadores em sua organização do trabalho; e se viabiliza pelo uso eficaz de estratégias de mediação para responder às diversidades do contexto de produção, possibilitando a ressignificação ou transformação do sofrimento. Entende-se que a saúde não pressupõe a ausência de sofrimento no trabalho, mas as possibilidades de o trabalhador transformá-lo. Para tal, é necessário que o trabalhador seja reconhecido em seu esforço e investimento na tarefa, possibilitando assim que o sofrimento vivenciado tenha sentido.

O reconhecimento agrega sentido humano ao trabalho, ao favorecer o desenvolvimento da identidade dos trabalhadores. (FACAS, 2009; FERREIRA, 2008; MENDES, 2007a, FERREIRA; MENDES, 2003). Este reconhecimento social é vivenciado pelos feirantes e contribui para ressignificar o trabalho, a

partir da possibilidade dada pela organização do trabalho em empregar a inteligência prática.

Apesar das estratégias de defesa servirem para possibilitar com que os trabalhadores continuem demonstrando saúde mental, ainda é uma normalidade frágil, sendo cabível, neste ponto, a proposta de intervenções que possibilitem a promoção da saúde mental dessa população, que se encontra à margem da formalidade no trabalho, e por isso, muitas vezes invisível ao poder público.

A realização deste estudo procurou discutir aspectos relacionados a áreas distintas e complexas, a saber – a feira-livre, a informalidade e a fronteira.

A partir do estudo, diferentes reflexões acerca de um método interventivo são cabíveis, no entanto a saúde do trabalhador preconiza que as intervenções devem ocorrer não apenas a partir da identificação de determinada situação de risco, vulnerabilidade ou de impacto à saúde dos trabalhadores, como também através de indicadores epidemiológicos e sociais. Por isso, a importância da realização de estudos epidemiológicos acerca dos agravos a saúde que abarquem todos os feirantes, para que se possa ter uma perspectiva acerca dos feirantes bolivianos também.

Caberia portanto, o fortalecimento da Associação dos feirantes que no momento da realização da pesquisa encontrava-se praticamente inativa, e a partir disso, promover diálogos entre os trabalhadores e o SUS através do CEREST, podendo o mesmo proporcionar um espaço de escuta, através da realização do método proposto pela Psicodinâmica do Trabalho (Clínica do Trabalho) de modo a haver a possibilidade de discussão sobre a organização do trabalho e dos elementos que causam sofrimento, das estratégias envolvidas e em novas formas de alterar as normas vigentes aumentando a proximidade da realidade vivenciada nesse contexto.

Por fim, importante pensarmos que as providências em vigilância de saúde do trabalhador devem se desenvolver através de ações do CEREST, funcionando como uma ferramenta de apoio para os trabalhadores da feira, podendo ainda manter articulações junto a outros órgãos, como empresas, instituições de ensino, centros de capacitação, visando a promoção da saúde mental dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I, G; GNOATO, I, J & DE MENEZES, L, S. **Psicanálise, Trabalho e Contemporaneidade**: Sobre saúde dos trabalhadores em feiras-livres. Revista Horizonte Científico, Vol., 9, nº2. Minas Gerais: Dezembro, 2015. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/28422/16915>>

ALVES, M. A; TAVARES, M. A. **A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização**. In: Ricardo Antunes (Org.). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999/2000.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set, 2015.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015. (Edição especial de 20 anos.).

_____. Desenhando a Nova Morfologia do Trabalho e suas principais Manifestações. In: Mendes, A. M; Moraes, R. D; Merlo, A.R.C. **Trabalho e Sofrimento. Práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá Editora, 2014, p.203-215.

_____. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2010. ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho**. São Paulo: Boitempo, V1, 2006.

ANJOS, F.B. **Enfrentamento das discrepâncias entre trabalho prescrito e real: o caso dos jornalistas de um órgão público**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Brasília, Brasília: 2009.

ANJOS, F. B. **Organização do Trabalho**. In: F. d. Vieira, A. M. Mendes, e Á. R. Merlo, Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho. (pp. 267-274). Curitiba: Juruá, 2013.

ANJOS, F. B., MENDES, A. M., SANTOS, A. V.; FACAS, E. P. **Trabalho prescrito, real e estratégias de mediação do sofrimento de jornalistas de um órgão público**. Revista Eletrônica Sistemas & Gestão, 6, pp. 562-582, 2011.

ARAÚJO, G. A. F. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. (2011). Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19709>> Acesso em 08 de Agosto de 2016.

ATAÍDE, M.A de. **O mundo do trabalho no Brasil a partir da década de 90: uma questão em análise MÉTIS: história & cultura – v. 11, n. 22, p. 329-345, jul./dez, 2012.**

AUGUSTO, M.M; FREITAS, L.G; MENDES, A.M. **Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARROS, P.C DA R; MENDES, A.M. **Sofrimento psíquico e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil**. Psico – USF, São Paulo, 8 (1), pp. 62 – 70, 2002.

BARTH, F. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**. In: O guru e o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa. pp. 25-68, 2000.

BENDASSOLLI, P.; SOBOL, L.A.P. **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.

BOECHAT, P.T.V.; SANTOS, J.L.; **Feira livre: Dinâmicas espaciais e relações identitárias**. Bahia: Universidade Estadual da Bahia – Campus V., 2009.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília, 2002. Disponível em:

<<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf;jsessionid=uEJL5qYiRKS2qlmOWim2D17f.slave14:mte-231-cbo-01>>Acesso em: 08 de junho de 2014

BUENO, M; MACÊDO, K. B. **A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras.** ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade, V 2, N 2, 2012. .

CACCIAMALI, M. C. **Globalização e processo de informalidade.** Rev. Economia e Sociedade, n. 14, Campinas, Unicamp, Jun./2000.

CAMPOS, D. L.; OLIVEIRA, M. A. M. **Instituições, mídia e população em Corumbá, Ms.** In: I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira, III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura e VII Expedição Geográfica da Unioeste: espaços de fronteira - território e ambiente. 2011, Marechal Candido Rondon. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira, III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura e VII Expedição Geográfica da Unioeste: espaços de fronteira - território e ambiente.

CARVALHO, G.M. **Análise psicodinâmica do trabalho da população de rua de Manaus.** Dissertação de mestrado. UFAM, Manaus, 2015.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social.** Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1998.

COSTA, G.V.L. **Os bolivianos em Corumbá-MS: Conflitos e relações de poder na fronteira.** Mana. Rio de Janeiro, vol.21 no. 1, abr/ 2015.

_____. **A Interdição da Feira Bras-Bol, em Corumbá-MS: Considerações sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia.** II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte, out/2013.

_____. **As fronteiras da identidade em Corumbá-MS: significados, discursos e práticas.** In: da Costa, G.V.L.; Costa, E. A.; Oliveira, M. A. M. Oliveira (Orgs.). Estudos fronteiriços. Vol. 1. 1ª. Ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, pp. 69-98.

COSTA, M.S. **Trabalho Informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira.** Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 171-190, jan./abr, 2010.

DANTAS, G.P.G. **Feiras no nordeste**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.

DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2010.

_____ **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas. 1994.

DEJOURS, C. **A avaliação do trabalho submetida à prova do real – críticas aos fundamentos da avaliação**. In Sznclzar, L; MASCIA, F. (Orgs), Trabalho e Saúde – o sujeito entre emancipação e servidão (pp, 26-39). Curitiba: Juruá, 2008.

_____ Adenddum. In Lancman, S; Sznclman, L. (Orgs), Christopher Dejours: **Da psicopatologia a psicodinâmica do trabalho** (pp. 47-104). Rio de Janeiro: Fiocruz/ Brasília: Paralelo 15, 2004 a.

_____ **Ingeniosité et évaluation**. Psy. Fr, 4, pp. 128- 147, 2004b.

_____ **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, (2000).

_____ **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: FUNDAP, 1999.

_____ **O fator humano**. Rio de Janeiro: FCV, 1997.

_____ **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. (5ª ed.) São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

_____ **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987.

DINIZ, J. A. F. **As feiras em Sergipe e em seu entorno**. ECOS-Ensaio Econômicos e Sociais. Instituto de Economia e Pesquisas-Inep. Vol. 1, nº. 1, Aracaju, 1987.

DORONIN, J.A. F; ARAÚJO, G.A. F. O Fenômeno da globalização na era contemporânea presente nas feiras e mercados. (Um estudo comparativo: LUSO-BRASILEIRO). VIII Semana de Estudos Históricos do CERES - História e Cultura e Patrimônio - CAICÓ-RN, 03 a 05 de setembro de 2009.

DRUCK, G. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica**. Um estudo do complexo petroquímico. São Paulo: Boitempo, 1999.

DRUCK, G; FRANCO, T. **Terceirização e precarização: o binômio anti-social em indústrias**. In G. Druck & T. Franco (Orgs.), A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização. São Paulo: Boitempo, 2007.

DRUCK, G; FRANCO, T. **Trabalho e precarização social**. Cad. CRH vol.24 no. Spe1, Salvador, 2011.

ESPÍRITO SANTO, A. L. **A comercialização de produtos em Corumbá-MS: propostas para o fortalecimento da agricultura familiar na feira livre**. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Fronteiriços. UFMS, Corumbá-MS, 2015. Disponível em: <http://ppgefcpn.sites.ufms.br/files/2016/10/ANDERSON-LUIS.pdf>. Acesso em: 19 de Agosto de 2016.

FERREIRA, L. do C.; PEREIRA, T. de S.; SANDOVAL R. A.; VIANNA, F. P. **Avaliação da qualidade de vida de trabalhadores feirantes**. Revista Movimenta; Vol 2, N4, 2009.

FERREIRA, M.C; MENDES, A.M. **Trabalho e riscos de adoecimentos: caso dos auditores fiscais da Previdência Social Brasileira**. Brasília: FENAFISP, 2003.

FERREIRA, M.C; MENDES, A.M. (2001). **Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: atividade de atendimento ao público e prazer e sofrimento no trabalho**. Estudos de Psicologia, v.6, n1, pp. 93-104, 2001.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de Uwe Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GERNET, I. **Psicodinâmica do reconhecimento**. In: Mendes, A. M; Merlo, A; C. Morrone, E. Facas. *Psicodinâmica e clínica do trabalho. Temáticas interfaces e casos brasileiros* (pp. 60-75). Curitiba: Juruá, 2010.

GODOY, I.W.; ANJOS, F.S. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.2, n.1, fev. (2007 a.).

GODOY, W.I.; ANJOS, F.S. **O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.2, n.1, fev. (2007b).

GOLDBERG, D.P.; HUXLEY, P. **Common mental disorders – A biosocial model**. London: Routledge, 1992.

HIRATA, H. **Trabalho, gênero e dinâmicas internacionais**. *Revista da ABET*, v. 15, n. 1, jan/jun, 2016.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HELOANI, R. LANCMAN, S. **Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação**. *Prod.* [online]. vol.14, n.3, pp.77-86, 2004.

JANSÁ, J.M; ODÓNEZ, J. **Nous elements en salut I immigración**. In: Borrell C., Benach J. (Eds.). *Evolución de les desigualtats en la salut en Catalunya* (pp. 205-233). Barcelona: Mediterrània, 2005.

JUSTINO, D. **A formação do espaço econômico nacional**. Portugal 1980-1913. Lisboa: Vega, V2, 1989.

JÚNIOR, L.R; OLIVEIRA, M.A.M. **Instituições de fronteira: Imigrante, preconceito e solidariedade: Um estudo da fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá Ms**. Anais: XVI Encontro Nacional de Geógrafos. *Crises, práxis e autonomia: espaço de resistência e de esperanças, espaço de diálogos e práticas*. Porto Alegre - RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3, 2010.

KALLEBERG, L. **O crescimento do trabalho precário: Um desafio global.** Rev. bras. Ci. Soc. vol.24 no. 69 São Paulo Feb. 2009.

KASE, K; SUGITA, K. **The unemployed and unemployment in an international perspective.** Comparative studies of Japan, France and Brazil. (ISS Research Series, n. 19). Tokyo: Institut of Social Sciences, University of Tokyo, 2006.

LANCMAN, S., BARROS, J.O. **Saúde Mental e Trabalho.** In: Miguel, E.C., Gentil, V., Gattaz, W.F., organizadores. Clínica Psiquiátrica. 1ª. Ed. Barueri: Manole. V. 2; p. 1932-1944, 2011.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. **Trabalho e subjetividade.** Cad. Psicol. Soc. Trabalho, São Paulo, v. 6, p. 77-88, 2011.

LANCMAN, S. **O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho** In: Lancman, S. & Sznelwar, L. I. Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editor Fio Cruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.

LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. I. G. **Pensando novas práticas em terapia ocupacional, saúde e trabalho.** Rev. Ter. Ocup. USP, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 44-50, 2002.

LELIS, J. L; PINTO, N. M. A; FIÚZA, A. L. C; DOULA, S. M. (s/d). **Vínculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa-MG.** Publicação do GERAR UFV. Disponível em: http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/VINCULOS%20DE%20SOCIALIZIDADE%20E%20RELACOES%20DE%20TROCAS%20ENTRE%20%20FEIRANTES%20DE%20VI%3%87OSA_MG.pdf

LE GUILLANT, L; ROELEN.S.R; BÉGOIN, J; BÉQUART, P; HANSEN J; LEBRETON, M. **La névrose des téléphonistes.** La presse médicale, 64(13): 274-277 1956.

LEWIN, K. **Princípios de Psicologia Topológica.** São Paulo, SP: Cultrix, 1973.

LIMA, K; MOTA, A. **Fatores de risco e condições de saúde de feirantes em Feira de Santana- BA.** Revista Baiana de Saúde Pública. v.38, n.4, p.865-881 out./dez, 2014.

LINHART, D. **O indivíduo no centro da modernização das empresas:** um reconhecimento esperado, mas perigoso. Trabalho e Educação, (7), 24-36, 2000.

LINHART, D. **Modernisation et précarisation de la vie au travail.** Papeles del CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), (49). Acessível em: <www.identidadcolectiva.es/pdf/43.pdf>, 2009.

MACÊDO, K.B. **Sublimação.** In: Vieira, F. O.; Mendes, A. M.; Merlo, A. R. C. Dicionário Crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá Editora, p. 439-443, 2013.

MACHADO, L. O. **Limites, fronteiras, redes.** In: T.M.Strohaecker, A.Damiani, N.O.Schaffer, N.Bauth, V.S. Dutra (org.). Fronteiras e espaço global. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, p.41-49, 1998.

MADUREIRA, D.V; SEIXAS, I.M; VELANI, L.G. **Organizações de Fronteira em Corumbá-MS.** Projeto Conexão Local, Fundação Getúlio Vargas – EASP, 2013. Disponível em: < http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/conexao-local/organizacoes_de_frenteira_em_corumba-ms.pdf> Acesso em: 05 de Fevereiro de 2016.

MARTINS, S.R. **Intervenções em grupo na clínica do trabalho: Uma experiência anunciada em sonho.** In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MORRONE, Carla Faria; FACAS, Emílio Peres (Org.). Psicodinâmica e Clínica do trabalho - Temas, interfaces e casos brasileiros. 02 ed. Curitiba: Juruá, v. 02, p. 348-363, 2012

MARTINS, S.R.O. **Corumbá e Puerto Suarez, fronteiras e interações a escala humana.** In: COSTA, Edgar Aparecido; COSTA, Gustavo Vilela Lima; Oliveira, Marco Aurélio Machado (Org.). Estudos Fronteiriços – Série Fronteiras 02. Campo Grande: Ed. UFMS, v.02, p. 239-262., 2010.

MENDES, A. M.; ABRAHÃO, J. L. **A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer-sofrimento do trabalhador:** uma abordagem psicodinâmica. Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26(2), 179-184, 1996.

MENDES, A. M; ARAÚJO, L.K.R. **Clinica psicodinâmica do trabalho**: práticas brasileiras. Brasília: Ex Libris, 2011.

MENDES, A.M; DUARTE, F.S. (2013a). **Mobilização Subjetiva**. In: In: Vieira, F. O; Mendes, A. M.; Merlo, A. R. C. Dicionário Crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p. 260-262.

MENDES, A.M; MULLER, T.C (2013b). **Prazer no trabalho**. In: . In: Vieira, F. O.; Mendes, A. M.; Merlo, A. R. C. Dicionário Crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p. 289-292.

MENDES, A.M; FERREIRA; M.C; FACAS, E.P; VIEIRA, A.P. **Validação do Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA**. Trabalho apresentado no IV Congresso de Psicologia do Norte-Nordeste, Salvador, 25 a 28 de maio de 2005.

MENDES, A.M; TAMAYO, A. **Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho**. Psico USF, v.6, n.1, 2001.

MENDES, A. M. **Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho**. In: A. M. MENDES (Org.). Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas. Cap. 1, São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 29-61. 2007.

_____ **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional**. (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília, 1999

_____ **Comportamento defensivo: uma estratégia para suportar o sofrimento no trabalho**. Revista de Psicologia, 13/14 (1/2), 27-32, 1996.

_____ **Prazer e sofrimento no trabalho qualificado**: um estudo exploratório com engenheiros de uma empresa pública de telecomunicações. (Dissertação de Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

_____ **Os novos paradigmas de organização do trabalho**: implicações na saúde mental dos trabalhadores. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 23 (85/86), 55-60, 1995.

MERLO, A.R.C. **Psicodinâmica do trabalho**. In: JACQUES, Maria da Graça, CODO, Wanderley Orgs. Saúde Mental; Trabalho: leituras. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 130-142, 2002.

MONTELOA, R.O; MARTINSA, G.A.S; S.M.F.TEIXEIRA. **Avaliação das Condições de Higiene e Segurança do Trabalho**: Estudo de Caso na Feira Livre do Agricultor em Palmas – Tocantins. UNOPAR Cient Ciênc Biol Saúde; 13(4):263-70, 2011.

MORAES, R.D. **Mobilização Subjetiva**: Experiências em Clínica do Trabalho no Amazonas. In: Mendes, A. M; Moraes, R. D; Merlo, A.R.C. Trabalho e Sofrimento. Práticas clínicas e políticas. Curitiba: Juruá Editora, p.203-215, 2014.

MORAES, R.D. **Estratégias Defensivas**. In: Vieira, F. O.; Mendes, A. M.; Merlo, A. R. C. Dicionário Crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá Editora, p.153-157, 2013.

MORAES, R.D. **Sofrimento no trabalho com automação**: estudo no Polo Industrial de Manaus. In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Creso; MORRONE, Carla Faria; FACAS, Emílio Peres (Org.). Psicodinâmica e Clínica do trabalho - Temas, interfaces e casos brasileiros. 02 ed. Curitiba: Juruá, v. 02, p. 315-333, 2012.

MORAES, R. D. **Prazer-Sofrimento no trabalho com automação**: estudo em empresas japonesas no Polo Industrial de Manaus. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

MORAES, R.D. **Prazer-sofrimento e saúde no trabalho com automação: estudo com operadores em empresas japonesas no Pólo Industrial de Manaus**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

MORRONE, C; MENDES, A.M. **A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal**. Rev. Psicol, Organ. Trab. v.3 n.2 Florianópolis dez, 2003.

MORRONE, C. **“Só pra não ficar desempregado” – resignificando o sofrimento psíquico no trabalho**: estudo com trabalhadores informais. Dissertação de Mestrado. UNB, Brasília, 2001.

NOGUEIRA, R. J. B. **Fronteira**: espaço de referência indenitária? Ateliê Geográfico. Goiânia, v. 1, n. 2, p. 27-41, dez. 2007.

NOGUEIRA, J.H. V; FREITAS, L.G. **Psicodinâmica do estresse**: estudo com trabalhadores de pesquisa, desenvolvimento e inovação. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 15(2), pp. 133-145, abr-jun 2015.

NORONHA, E. G. **Informal, ilegal, injusto**: percepções do mercado de trabalho no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 18, n. 53, p. 111-129, 2003.

OCAMPO, H. T. **O PAS e a saúde nas fronteiras: uma proposta em prol do bem-estar da população e do desenvolvimento sustentável**. In: COSTA, L. Integração de Fronteiras: possibilidades Brasil-Bolívia na Saúde. Ministério da Saúde, Ministério da Integração Nacional. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p.p.107-117.

OLIVEIRA, M.A. M de. **Imigrantes em Região de Fronteira**: Condição Infernal. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (Org.). Guerras e Imigrações. Ed. UFMS. Campo Grande, 2004.

OIT. **El empleo en el mundo** – 1996-97. Las políticas nacionales en la era de lae seus impasses. In: LIMA, J. C.F.; NEVES, L.M.W. Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

_____. 15a Conferência de estatísticas do trabalho. Genebra, Jan. 1993.

_____. Employment, income and equality: a strategy for increasing employment in Kenya. Genebra, 1972.

ORSO, P.J. **A concepção de poder em Michel Foucault e as relações de poder**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 1996.

PAULANI, L. **O projeto neoliberal para a sociedade brasileira**: sua dinâmica e seus impasses. In: LIMA, J. C.F.; NEVES, L.M.W. Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

POCHAMANN, M. (Org.). **Trabalhadores urbanos**: ocupação e queda na renda - Atlas da nova estratificação social no Brasil. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2011.

PREALC. **La política de empleo en America Latina.** El Trimestre Economico. Sector informal: funcionamiento y políticas. v. 41, n. 164, 1974. Santiago, 1978.

PUJOL, A. **Hacia una agenda para el desarrollo de la psicodinâmica del trabajo em América Latina.** In.: O Sujeito no Trabalho. Entre a saúde e a Patologia, Edition: 1, Publisher: Juruá, Editors: José Ernani de Carvalho Pacheco, pp.187-199, 2013.

RAMAGEM, E.D. **Dinâmica da organização do trabalho, o uso de estratégias de defesa e as vivências de prazer e sofrimento dos policiais legislativos.** Trabalho de conclusão. UNB. Brasília, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Trad. Maria Cecília França. São Paulo, Ática, 1993.

RIBEIRO, C. V. S.; LÉDA, D. B. **O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva.** Estudos e pesquisas em psicologia, v.4, n.2, dez., 2004.

ROSAS, M.L. M; MORAES, R.D de; **A importância do reconhecimento no contexto de trabalho.** Ano 4, Vol VII, Número 2, pág. 210-224, Humaitá, A<, Jul-Dez, 2011.

ROSSI, E. Z. **Análise clínica da organização do trabalho bancário e o processo de adoecimento por LER/DORT.** In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MORRONE, Carla Faria; FACAS, Emílio Peres (Org.). Psicodinâmica e Clínica do trabalho - Temas, interfaces e casos brasileiros. 02 ed. Curitiba: Juruá, 2012, v. 02, p. 381- 395.

SALES, A. P.; REZENDE, L. T e SETTE, R. de S. **Negócio feira livre: Um estudo em um município de Minas Gerais.** III Encontro de gestão de pessoas e relações de trabalho. João Pessoa, 2011.

SATO, L. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre.** Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, v. 19, p. 95-102, 2007. Edição Especial.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade / Leny Sato – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.**

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu. Trad. Cristina Muracho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

SELIGMANN-SILVA, E. **A Interface desemprego prolongado e saúde psicossocial**. In: SILVA FILHO, J. F.; JARDIM, S. (Org.). A danação do trabalho. Rio de Janeiro: Te-Corá, p. 19-63, 1997.

SELIGMANN-SILVA, E. **Psicopatologia e saúde mental no trabalho**. In: MENDES, R. (Org.). Patologia do trabalho. V. 2. Rio de Janeiro: Atheneu, p. 1141-1182, 2003.

SELIGMANN-SILVA, E. **Psicopatologia no trabalho: aspectos contemporâneos**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE SAÚDE MENTAL NO TRABALHO, 2. Goiânia. Anais... Goiânia: CIR, 2007. p. 64-98

SELIGMANN-SILVA, E. **O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador**. Rev. bras. saúde ocupacional. vol.35 no.122 São Paulo July/Dec, 2010.

SILVA, M. A. F; AMÂNCIO, C.G.OLIVEIRA. **A Informalidade das Relações de Trabalho na Região Fronteira Brasil- Bolívia em Corumbá/MS: Um primeiro olhar**. In: Despertar para a fronteira/ COSTA, Edgar Aparecido da (Org.). – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

SILVA, S. G da. **Bolivianos e brasileiros em Corumbá, MS: preconceitos e cooperação mútuos**. dln:

SOUZA, P. Rua **A determinação da taxa de salários em economia atrasadas**. Campinas: UNICAMP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1980. (Tese, Doutorado) / Salário e emprego em economias atrasadas. Campinas: UNICAMP. IE. (Coleção Teses), 1999.

SOUZA, C.R. **Os mercados e feiras livres como lugares antropológicos de relações sociais de trocas materiais e simbólicas no Vale do Jequitinhonha: Tecendo alguns horizontes e perspectivas na promoção da**

diversidade cultural. Revista Observatório da Diversidade Cultural. V2 Nº1, 2015.

TAVARES, M A. **O trabalho informal e suas funções sociais.** Revista Praia Vermelha. Rio de Janeiro. v. 20, nº 1. p. 21-36. Jan-Jun, 2010.

THÉBAUD-MONY, A; DRUCK, G. **Terceirização:** A erosão dos direitos dos trabalhadores na França e no Brasil. In: DRUCK, G; FRANCO, T. A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização. São Paulo: Boitempo, p. 23-58, 2007.

TOKMAN, V. E. (2011). **An exploration into the nature of informal-formal sector relationships.** World Development, v. 6, n. 9/10, 1978. _____. El sector informal 15 años después. El Trimestre Economico, jul./set. 1987.

VIDAL, R.F. **Informalidade das relações de trabalho:** Aspectos teóricos e conceituais. V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2011. Disponível em:<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EI_XO_2011/TRANSFORMACOES_NO_MUNDO_DO_TRABALHO/INFORMALIDADE_DAS_RELACOES_DE_TRABALHO_ASPECTOS_TEORICOS_E_CONCEITUAIS.pdf> Acesso em: 05 de Junho de 2015.

VEDANA, V. **Fazer a feira:** estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VELHO, G. (1999). **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIO DEMOGRÁFICO OCUPACIONAL

IDENTIFICAÇÃO: _____

IDADE: _____ GÊNERO: () Masculino () Feminino

ESTADO CIVIL: _____

ESCOLARIDADE: _____

BANCA PRÓPRIA: () SIM () NÃO

COM QUANTAS PESSOAS MORA?

QUANTAS PESSOAS CONTRIBUEM PARA A RENDA FAMILIAR?

VOCÊ TEM FILHOS? _____

COM QUANTOS ANOS COMEÇOU A TRABALHAR?

EM QUAIS DIAS DE FEIRA TRABALHA?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1-COM QUE IDADE O SENHOR COMEÇOU TRABALHAR?
- 2 -HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA DE MANEIRA INFORMAL?
- 3-O SENHOR JÁ TEVE CARTEIRA ASSINADA? POR QUANTO TEMPO?
- 4- COMO É PRO SENHOR TRABALHAR NA FEIRA?
- 5-O SENHOR TEM ALGUMA OUTRA FONTE DE RENDA? DESENVOLVE OUTRA ATIVIDADE?
- 6- ACHA MELHOR TRABALHAR NA FEIRA OU NESSA OUTRA ATIVIDADE? POR QUE?
- 7- SE TIVESSE OPORTUNIDADE, GOSTARIA DE ATUAR EM OUTRO RAMO? O(A) SENHOR(A) JÁ TENTOU ATUAR EM OUTRO RAMO?
- 8- ME FALE UM POUCO SOBRE SUA ROTINA DE TRABALHO. COMO É O SEU DIA DE TRABALHO, DESDE A HORA EM QUE VOCÊ SAI DE CASA ATÉ A HORA QUE VOCÊ VOLTA PRA CASA.
- 9-EXISTE DEFINIÇÃO DAS TAREFAS E DAS ATIVIDADES REALIZADAS NA BANCA?
- 10- QUAIS OS PRODUTOS QUE SÃO VENDIDOS NA SUA BANCA?
- 11- O(A) SENHOR(A) PODERIA FALAR SOBRE COMO É O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DAS SUAS MERCADORIAS?
- 12- SE PARTICIPA DA PRODUÇÃO COMO OCORRE? QUAIS OS MÉTODOS USADOS E COMO APRENDEU? UTILIZA AGROTÓXICOS? UTILIZA EPIS PARA SE PROTEGER DURANTE A PRODUÇÃO?
- 13- JÁ PERDEU MUITA MERCADORIA?
- 14- VOCÊ JÁ VENDEU OU VENDE OUTROS PRODUTOS?
- 15- QUANDO O SENHOR NÃO CONSEGUE IR PARA A FEIRA, POR PROBLEMAS DE SAÚDE, POR CAUSA DA CHUVA OU POR QUALQUER OUTRO MOTIVO, O QUE ACONTECE? INFLUENCIA NA SUA RENDA?
- 16- QUAIS AS DESVANTAGENS DE TRABALHAR NA FEIRA? E AS VANTAGENS?
- 17- CONSIDERA SEU TRABALHO IMPORTANTE PARA A CIDADE? POR QUE?
- 18 – SE PUDESSE, TROCARIA DE TRABALHO?

- 19- QUAIS OS TIPOS DE ABORRECIMENTOS OCORREM DURANTE UM DIA DE TRABALHO?
- 20- NA SUA OPINIÃO, QUAL A MAIOR DIFICULDADE ENCONTRADA NO DESENVOLVIMENTO DO SEU TRABALHO?
- 21 – COMO SÃO SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO?
- 22 – COMO SE PROTEGE DA CHUVA, DO SOL, VENTOS, ETC.?
- 23 - O QUE VOCÊ ACREDITA QUE O AJUDA A PERMANECER TRABALHANDO NA FEIRA?
- 24 – NA SUA OPINIÃO, O QUE É NECESSÁRIO PARA EXERCER SUA PROFISSÃO? (HABILIDADES, CAPACIDADES, QUALIDADES, ETC.)
- 25- QUAIS AS NORMAS E REGRAS QUE COSTUMAM SEGUIR NA FEIRA?
- 26- COMO VOCÊ FAZ PARA SE RELACIONAR BEM COM OS CLIENTES?
- 27- POSSUI ALGUMA ESTRATÉGIA PARA VENDER MAIS?
- 28- PERCEBE A FRONTEIRA COMO UM PROBLEMA?
- 29 - COMO É VIVER EM FRONTEIRA?
- 30- VOCÊ PENSA QUE OS CONSUMIDORES BRASILEIROS TRATAM DE FORMA DIFERENTES OS FEIRANTES BRASILEIROS E OS BOLIVIANOS? POR QUE?
- 31- VOCÊ ACHA QUE O CONSUMIDOR TEM PREFERÊNCIA POR PRODUTOS BRASILEIROS OU BOLIVIANOS?
- 32- COMO É SUA RELAÇÃO COM OS VIZINHOS DE BANCA?
- 33 –POSSUI ALGUMA DOENÇA DIAGNOSTICADA?
- 34- SENTE DORES NO CORPO COM FREQUÊNCIA?
- 35- COMO É O SEU SONO?
- 36- COMO É O SEU APETITE?
- 37- O QUE VOCÊ ESPERA DO SEU TRABALHO?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que talvez você não entenda. Peça à pesquisadora que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente. No caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada, **TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES INFORMAIS NA FEIRA LIVRE DE CORUMBÁ-MS** sob a responsabilidade de PAMELA ARRUDA VASCONCELLOS, acadêmica do Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- CPAN. Nesta pesquisa busca-se compreender as trajetórias e as vivências do trabalho de feirantes vendedores de CD's e DVD's em Corumbá, entre 2016 e 2017. Se aceitar participar deste estudo, você responderá a um questionário contendo uma escala sobre as vivências de prazer e sofrimento no trabalho e participará de uma entrevista contendo questões sobre seu cotidiano, atividades desenvolvidas e trajetória de trabalho na feira livre. As entrevistas serão áudio-gravadas e transcritas na íntegra. Os áudios serão utilizados somente para coleta de dados e serão ouvidos por mim e por uma entrevistadora experiente. Serão ainda, marcados com um número de identificação durante a gravação, seu nome não será utilizado, sua identidade será preservada dentro dos padrões de sigilo e confidencialidade. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre os números de identificação e os nomes permanecerá trancado em um arquivo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse período serão destruídos. Se você não quiser ser gravado em áudio, você não poderá participar deste estudo. Antes da aplicação dos instrumentos a pesquisadora apresentará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que você deverá assiná-lo. O desenvolvimento da pesquisa não envolve riscos e/ou desconfortos previsíveis à sua saúde. Esta pesquisa foi planejada de modo a existir um mínimo de possibilidade de ocorrência de quaisquer danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, tanto durante como após a coleta de dados, sendo que nenhum dos procedimentos adotados oferece risco à sua dignidade. Mesmo assim, se você se sentir constrangido, ou por qualquer outro motivo, quiser se ausentar da pesquisa poderá fazê-lo a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. De nenhuma forma você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. O material obtido através da pesquisa será confidencial. Ao participar da pesquisa você não terá nenhum ganho direto. Contudo, espera-se que este estudo traga informações importantes acerca das vivências e trajetórias dos feirantes fronteiriços, de forma a possibilitar a compreensão da construção da identidade profissional desses trabalhadores, bem como compreender os fatores que geram sofrimento e prazer nesse contexto laboral, possibilitando a reflexão e elaboração de informações que visem diminuir possíveis riscos à saúde mental. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro ao participar na pesquisa. A aplicação dos instrumentos será o único procedimento realizado junto a você. Não será garantido qualquer tipo de tratamento gratuito, cuidado médico ou de saúde em geral aos participantes da pesquisa. Sua participação é muito importante e voluntária. Terminada a pesquisa, os resultados que são de inteira responsabilidade da pesquisadora, estarão à sua disposição através de seu contato e um feedback será realizado pela pesquisadora. Caso seja detectado quaisquer sinais/sintomas de sofrimento psíquico, o participante será encaminhado para a clínica escola da UFMS-CPAN, para posterior acompanhamento. A pesquisadora poderá oferecer qualquer esclarecimento sobre o estudo podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação em qualquer momento da pesquisa, bastando estabelecer contato no seguinte endereço e/ou telefone: Av. Rio Branco, 1270 - Universitário, Corumbá - MS, 79304-902

Telefone: (67)3231-9261 e- mail: pamelarrudavasconcellos@hotmail.com. Em caso de denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, localizado na Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós- Graduação – PROPP, Cidade Universitária, Campo Grande – Ms, telefone(67) 3345-7186 e (67) 33457187, ou via email:bioetica@propp.ufms.br

Declaração de consentimento: Li ou alguém leu para mim as informações contidas nesse documento antes de assinar o termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi

respostas para todas minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia desse documento e compreendo que sou livre para me retirar desse estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade participar desse estudo, permitindo a pesquisadora obter a gravação de voz da minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional e concordo que o material e as informações obtidas relacionadas à mim possam ser publicadas em congressos, palestras, eventos científicos, revistas e/ou periódicos, porém minha identidade deve ser mantida em sigilo.

Nome do participante: _____ Assinatura: _____

Obrigada pela sua colaboração e por merecer sua confiança!

Assinatura pesquisadora: _____ Data: __/__/__